

PANTERAS NEGRAS

ESTRATÉGIA E REVOLUÇÃO



CADERNO DE TEXTOS

CASA DA RESISTÊNCIA

ÍNDICE

Introdução, por Huey P. Newton

50 anos do Partido Pantera Negra, por Mumia Abu-Jamal

O Partido dos Panteras Negras, por Wanderson Chaves

A história dos Panteras Negras 27 pontos, Por Lilly W. e Taryn Finley

Regras do Partido dos Panteras Negras

Programa dos 10 Pontos dos Panteras Negras

Lei interna e ordem internacional, por Eldridge Cleaver

Explicando a extinção do Partido dos Panteras Negras, por Ollie A. Johnson

ANEXOS

Entrevista de Huey P. Newton ao The Movement

Sobre a libertação gay e feminina, por Huey P. Newton

O manejo correto de uma Revolução, por Huey P. Newton

INTRODUÇÃO

Por Huey P. Newton

Nós reconhecemos que para trazer o nosso povo para um nível de consciência elevada, para que pudesse aproveitar seu tempo, seria necessário servir suas necessidades básicas através do desenvolvimento de programas para ajudá-lo em sua sobrevivência diária. Durante muito tempo tivemos programas não apenas para a sobrevivência, mas também para a organização. Agora, temos não só um programa de café da manhã para crianças em idade escolar, mas também programas de vestuário, clínicas de saúde que prestam serviços médicos e dentários gratuitos, temos programas para os prisioneiros e suas famílias, e estamos abrindo fábricas de roupas e calçados para produzir e fornecer a comunidade. Mais recentemente, demos início a um programa de pesquisas e testes sobre a anemia falciforme; sabemos que 98% das vítimas são negras e deixar de combater esta doença é nos submeter ao genocídio; nossa batalha é por sobrevivência.

Todos estes programas satisfazem as necessidades mais básicas da comunidade, mas não são soluções para os nossos problemas. É por isso que nós os chamamos de programas de sobrevivência, no sentido da sobrevivência até a revolução. Nós dizemos que o programa de sobrevivência do Partido dos Panteras Negras é como o kit de sobrevivência de um marinheiro preso em uma jangada, ele ajuda-o a manter-se até que ele possa se livrar completamente dessa situação. Assim, os programas de sobrevivência não são soluções, mas eles vão nos ajudar a organizar a comunidade em torno de uma verdadeira visão e compreensão da situação que vivemos. Quando a consciência e a compreensão são elevadas a comunidade vai conseguir aproveitar o tempo e poder livrar-se da bota dos seus opressores.

Todos os nossos programas de sobrevivência são livres. Nós nunca cobramos um centavo da comunidade para receber as coisas que precisam de qualquer um dos nossos programas e não vamos fazê-lo. Nós não fazemos um monte de perguntas embaraçosas ou pedimos papeladas das pessoas. Se elas têm uma necessidade, nós servimos as suas necessidades e tentamos levá-las a compreender as verdadeiras razões pelas quais eles vivem essas necessidades em uma terra tão incrivelmente rica. Os programas de sobrevivência funcionarão sempre sem custos para aqueles que precisam e se beneficiam deles...

Huey P. Newton em "To Die for the People", retirado de "The Black Panther Party: service to the people programs", livro completo em inglês em <http://bit.ly/2d0eQDt>

50 Anos do Partido dos Panteras Negras

Por Mumia Abu-Jamal

Quando dois jovens universitários se reuniram em um escritório do programa antipobreza em Oakland, na Califórnia, em meados de outubro de 1966, ninguém – nem sequer eles mesmos – sabia o que iriam conseguir.

Os homens, Huey P. Newton, de 24 anos, e Bobby G. Seale, de 29 anos, saíram do escritório com algo chamado o Programa de 10 Pontos, que através da organização que eles fundaram (o Partido dos Panteras Negras, em inglês, Black Panther Party ou BPP) afetaria a nação e entraria nas crônicas da história.

O Partido teve impactos globais, e deixou em toda uma geração uma grande marca da juventude negra e da resistência de classe.

Mas como sabemos, isto aconteceu 50 anos atrás – toda uma vida. Quem saberia que qualquer um de nós ainda viveria hoje?

No entanto, cinco décadas depois, alguns de nós ficamos nas celas do sistema carcerário. Somos presos políticos em tudo menos o nome, quer dizer, sem o reconhecimento do governo.

Não esquecemos nossos irmãos, irmãs e companheiros guerreiros em cadeias:

- Sundiata Acoli, camarada da presa política liberada Assata Shakur, e do guerreiro caído Zayd Malik Shakur; capturado em 2 de maio de 1973, Sundiata é um escritor prolífico.

- Delbert Orr Africa, integrante da agrupação dos Panteras em Chicago que depois se uniu à Organização MOVE; faz parte do grupo de homens e mulheres conhecidos como “Os 9 do MOVE”, encarcerados depois de um enfrentamento com a polícia da Filadélfia em 8 de agosto de 1978.

* Russell “Maroon” Shoatz, integrante do Conselho de Unidade Negra, filiado com o Partido dos Panteras Negras na Filadélfia; um brilhante escritor, historiador e pensador.

- Imam Jamil Abdullah Al-Amin (antes conhecido como “Rap” Brown), Ministro de Justiça do Partido dos Panteras Negras, e depois, ativista antidroga em Atlanta, líder comunitário e Imam da mesquita local.

- Joseph “Jo-Jo” Bowen, do grupo dos Panteras na Filadélfia.

- Robert Seth Hayes, do BPP em Nova York, agora enfrenta graves condições de saúde, incluindo diabetes e hepatite C.

- Fred “Muhammad” Burton, do BPP na Filadélfia, agora encarcerado na prisão de SCI Somerset, PA.

- Dr. Mutulu Shakur, acupunturista de formação, foi considerado culpável de ajudar a Assata Shakur a liberar-se; o carinhoso padastro do legendário rapeiro, Tupac Shakur.

- Jalil Muntaqim, do BPP em Nova York, era co-fundador, junto com a falecida líder revolucionária Safiya Bukhari, do Movimento Jericó em 1998, para informar às pessoas sobre os presos políticos e apoiar sua liberação.

Estas são algumas das pessoas que passaram décadas na prisão por suas revolucionárias atividades políticas durante os anos 60, 70 e 80. A maioria foi integrante do Partido dos Panteras Negras e/ou do Exército de Libertação Negra (em inglês, Black Liberation Army ou BLA) – lutadores pela liberdade da Nação Negra.

Não os esqueçamos. Organizemos para ganhar sua liberdade e a de todos nós. Para mais informação consultem ao Movimento Jericó em: jerichomovement.com

Passaram 50 anos incríveis desde que Huey e Bobby teclaram o Programa de 10 Pontos e a Plataforma do Partido dos Panteras Negras para a Autodefesa.

Quantas vezes durante estes 50 anos vocês leram o Programa de 10 Pontos? E quantas vezes ficaram assombrados sobre o fato de que as condições seguem sendo gravíssimas para milhões de pessoas negras?

Meio século depois e as vidas das pessoas negras ainda não importam.

Unamo-nos com nossos irmãos e irmãs jovens e ajudemos a construir um movimento de liberdade digno de nossos guerreiros e guerreiras caídos – e digno também de nossos antepassados!

Desde a nação encarcerada sou **Mumia Abu-Jamal**, 8 de outubro de 2016

O Partido dos Panteras Negras

Wanderson da Silva Chaves*

BLOOM, Joshua; MARTIN, Jr., Waldo E. *Blacks Against Empire: The History and Politics of the Black Panther Party*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2013. 540p.

Poucos aspectos da história norte-americana do pós-guerra são tão opacos quanto a história do Partido dos Panteras Negras. Sua vertiginosa trajetória de ascensão e queda, entre 1967 e 1971 — e encerramento definitivo das atividades, em 1982, de forma praticamente anônima — vem sendo disputada e fixada por duas narrativas principais, publicamente ainda em disputa, mas que, entretanto, discursivamente tendem a se encontrar. A sustentada pelo Federal Bureau of Investigation (FBI), mais conhecida por ser a adotada na cobertura jornalística nos EUA desde então, associa ao Partido um programa racista, fascista, sectário e separatista, que justificaria, em razão de ameaças à segurança nacional, a campanha de época pela destruição dos Panteras. A outra narrativa, calcada na fortuna crítica dos chamados “estudos afro-americanos”, e sustentada principalmente pela militância e organizações do nacionalismo negro, vincula o Partido a um projeto de busca da unidade e do orgulho racial, característicos da

negritude. O mérito de *Blacks Against Empire* reside justamente na desconstrução destes dois lugares-comuns. Reconstrói-se, ao longo do livro, a lógica de atuação do Partido a partir de suas principais tensões e ambiguidades: embora decisivas para o programa partidário, essas particularidades eram categoricamente ignoradas no trabalho de memória, e na historiografia.

O trabalho de Joshua Bloom, sociólogo da UCLA, e Waldo E. Martin Jr., historiador da Universidade da Califórnia em Berkeley, e autor experiente — com publicações sobre escravidão, racismo, direitos civis e movimentos sociais — foi árduo. O livro começou a ser escrito em 2000, e no seu curso, mobilizou cerca de 50 pesquisadores e colaboradores diretos, reunindo mais de 12 mil páginas de documentos raros e inéditos, hoje, integrados aos acervos da Biblioteca de Estudos Étnicos e à Bancroft Library, de Berkeley. Quatorze teses acadêmicas foram desenvolvidas sob a cobertura desse projeto, que estendeu sua pesquisa a arquivos nacionais e internacionais, privados e governamentais, e retomou, por meio de entrevistas, e um sério esforço de certificação documental, a massa de testemunhos, memórias e autobiografias que ainda são a principal fonte bibliográfica sobre o Partido

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), pesquisador do Grupo de Estudos sobre Guerra Fria (USP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: wanderson_schaves@yahoo.com.br

e para boa parte das organizações civis dos EUA dos anos 1960 e 1970.

O resultado desse empreendimento: uma boa narrativa factual, comparada ao desastre historiográfico das duas tendências da literatura temática, e que coloca imediatamente questões inquietantes; particularmente, a de que os Panteras Negras, não apenas retoricamente, mas em agenda e estratégias, buscaram ser radical e efetivamente antirracistas.

Comparado às organizações do Movimento dos Direitos Civis dos anos 1960, o Partido parece ter ido fundo e longe: tornaram-se uma organização nacional com forte presença nos grandes centros urbanos, e agindo, principalmente, fora do *Deep South* e da sua rede de organizações religiosas, estudantis e profissionais negras. O projeto de Martin Luther King Jr., para os anos 1960, de que sindicatos, igrejas e o *mainstream* liberal colaborassem nas reformas econômicas, sociais e políticas destinadas à definitiva dessegregação — a integração de todos à projetada *beloved community* — obteve pouco suporte fora das suas bases tradicionais, a classe média negra, e simpatizantes progressistas do Norte. Os colaboradores que não responderam à conclamação de King, todavia, não fizeram falta ao arco de alianças construído pelos Panteras. Profundo conhecedor da organização, o FBI sabia que seu projeto de dismantelamento do Partido passava principalmente por ações de dissuasão aplicadas aos aliados: os órgãos da chamada Nova Esquerda, particularmente os envolvidos na luta contra a Guerra do Vietnã; os “negros moderados”, rescaldo do Movimento dos Direitos Civis; governos de Estados

comunistas ou não alinhados; e lideranças, associações e igrejas baseadas nas periferias das cidades, não apenas nos bairros negros. A estratégia: diplomaticamente, romper o suporte internacional; e com medidas policiais secretas, minar as pontes entre os diversos segmentos de classe da comunidade negra, bem como as conexões “inter-raciais”, que eram o grande patrimônio político do Partido.

Os Panteras Negras não eram secessionistas, nem partidários da negritude como projeto, embora a reivindicação à herança de Malcolm X — que era uma meta partidária importante, particularmente o chamado à luta por “todos os meios necessários” contra o Estado e a polícia — tenha sido central para a sua atuação. Com relação a programas, nada de decisivo opôs o Partido à proposta de integração, que caracterizava a agenda pública de King. Curiosamente, ela seguia no sentido do seu aprofundamento, ao destacar mudanças estruturais para destruir — e não apenas reformar — dinâmicas raciais, como condição para tornar os direitos civis realmente efetivos. A diferença em relação a King, sempre afirmada com muita ênfase, era tática: contra a resistência não violenta, advogava-se a autodefesa armada, e, ainda que nunca de forma consensual e programática, também o enfrentamento armado ao Estado como parte da sua atribuída vocação de partido revolucionário. O FBI explorou publicamente essa escolha tática como uma aberta declaração de guerra. E com uma massiva campanha de infiltração, sabotagem e extermínio, na qual buscou vincular o Partido a falsas ações, defrontou os Panteras Negras intermitentemen-

te aos dilemas estratégicos e éticos da instrumentalização política da violência.

A resposta dos autores à historiografia — que concede grande relevância às leituras policiais, ao heroísmo dos testemunhos, e aos atuais Movimentos Negros, que se pretendem herdeiros políticos do Partido — foi estritamente documental. Nela, há um esforço em distinguir as ações secretas de Estado das realizadas pelos Panteras, e em separar a agenda e atuação do Partido daquela das organizações raciais negras, posto que essa diferença tornou-se mais que retórica — tornou-se programática. E compreende-se bem ao longo do livro o porquê.

Fundado em 1966, o Partido dos Panteras Negras era, inicialmente, uma milícia armada, formada integralmente por homens, que atuava na região de Oakland, Califórnia. Suas principais atividades eram o monitoramento da polícia, via obstrução e denúncia da violência dos órgãos de segurança, e a intimidação — física e através de boicotes e mobilizações públicas — de denunciados de racismo e infração aos direitos civis. Os marcos dessa atuação eram inusitadamente legais. Segundo leis estaduais da época, o porte e o transporte de armas carregadas, em locais públicos ou veículos, eram permitidos se o armamento estivesse devidamente exposto, e fora de posição de tiro. Acompanhar ações policiais também era permitido, desde que mantida distância. Huey Newton e Bobby Seale, estudantes de direito, e membros fundadores do Partido, fizeram essa descoberta legal, e nela apoiaram a aplicação da autodefesa armada para além da situação — a invasão de residências

sem mandado judicial — que primeiro havia mobilizado seus esforços.

Até 1967, o Partido era mais uma unidade, dentre várias outras, espalhadas pelos EUA, surgidas simultaneamente nessa época, que se autointitulavam Panteras Negras. Todas elas atendiam a um chamamento comum. Usando o animal símbolo do Lowndes County Freedom Organization (LCFO), organização política que o Students Non-Violent Coordinating Committee (SNCC) pretendia transformar em partido no Alabama, os Panteras de Oakland eram mais um grupo que buscava dar forma política ao *slogan* “Black Power”, de Stokely Carmichael, líder do SNCC. Então, pouco conhecido fora do norte da Califórnia, o grupo de Newton, Seale e do jornalista de *Ramparts*, Eldridge Cleaver, por volta de outubro de 1968, já havia rapidamente unificado em torno da sua liderança todos os grupos de Panteras, aproximado e emparelhado vários setores da esquerda norte-americana, estabelecido uma publicação oficial com tiragem de massa, reunido um orçamento anual milionário, angariado suporte internacional, e dominado o debate pela definição dos sentidos do Poder Negro. Essa ascensão, que se alicerçou na atração dos jovens mobilizados nos confrontos raciais na era dos assassinatos de Malcolm X (1965) e King (1968), foi alcançada com dramáticas e bem-sucedidas ações públicas, e após duras disputas interorganizacionais e partidárias.

Em razão de suas opções táticas, Newton, Seale e Eldridge Cleaver consideravam o Partido o único capaz de exercer algum esforço de politização sobre a massa de jovens negros

que escolheu a violência. E graças ao perfil da sua liderança, os únicos que poderiam atrair identificação imediata. De fato, um histórico de pobreza, bom treinamento militar prévio, passagens por prisões, eventuais aproximações ao Nation of Islam (NOI) e um sério esforço de formação intelectual os assemelhava a parte considerável da militância que ingressou nas cerca de 80 sucursais que os Panteras chegaram a ter no país. Inicialmente, o Partido espelhou a retórica racialista e nacionalista que emergiu nos confrontos e protestos, mas das suas proclamações, na qual se declarava vanguarda partidária do “exército de libertação negro”, dificilmente se poderia obter uma agenda nacionalista. Discursivamente difusa, e muito dependente da eficácia performativa das ações e da sua poderosa iconografia, suas metas nem sempre óbvias eram a liberação do racismo, o combate à polícia, a autogestão comunitária e a união tática dos negros como estágio preliminar e preparatório da luta “anticolonial” contra o Estado norte-americano a ser lançada.

Os Panteras eram a mais literalmente “fanonista” dentre as organizações de base negra dos EUA, vinculação que foi pouco destacada pelos próprios autores. Isto significava uma aposta no programa de luta armada exposto em *Os condenados da terra* (1961), em que se apelava à violência como força liberadora pessoal e militar do domínio colonial. Esse potencial de transgressão, pensado para se dirigir contra o “exército doméstico de ocupação” que seria a polícia, era dirigido também contra o que era considerado, pelo Partido, o grande “maniqueísmo colonial” a ser revertido — a raça. Embora

a liderança dos Panteras Negras tivesse bom domínio da literatura marxista e dos textos políticos de Che, Mao e Lênin que fizeram carreira naquela época, era Fanon a principal ferramenta do Partido no rechaço às organizações cujo programa fosse “antibranco” ou que pretendessem disciplinar sua atuação. Por uma ou por ambas as razões, o SNCC, o Congress for Racial Equality (CORE), o braço político do NOI, o Revolutionary Action Movement (RAM) e o Partido Comunista dos Estados Unidos foram asperamente repelidos.

Após o estabelecimento de restrições legais ao uso de armas, em 1969, os Panteras se orientam para a montagem, nas suas sucursais, de clínicas médicas, refeitórios, cursos de formação política e escolas primárias, entre outras iniciativas cujo fim declarado era estabelecer a gratuidade, socialização, criação e a autogestão de serviços públicos dentro das comunidades negras. Sustentada por grande suporte e participação voluntária, a iniciativa afetou o *War on Poverty*, grande programa federal de reforma urbana, terceirizado para empresas, fundações, igrejas e organizações negras. Publicamente, a política social de governo era ferida, na comparação, por sua atribuída timidez, inoperância e racismo. A essa reorientação, na qual o Partido transferiu para sua liderança “civil” a condução da maioria das ações, coincidiu curiosamente uma brutal ofensiva policial, na qual se prendeu ou executou os principais quadros dos Panteras Negras, sucessivamente, cidade a cidade.

Esse momento também coincidia com a construção de uma sólida aliança do Par-

tido com os movimentos contra a Guerra do Vietnã, da qual os dois segmentos se consideraram beneficiados. Orientando-se parcialmente pelas mudanças no discurso público dos Panteras, os grupos predominantemente estudantis, envolvidos nos protestos, foram acrescentando uma retórica anti-imperialista, e depois, crescentemente antifascista e anticapitalista, a seu próprio discurso antiguerra, inicialmente ligado ao pacifismo dos objetores de consciência. Essa conexão temática veio acompanhada de grande produtividade organizacional. Com apoio do Partido, são criadas, em comunidades de população hispânica, asiática, indígena e de “brancos pobres”, organizações similares às dos Panteras. Apoiados principalmente nestes novos grupos, e com suporte de aliados que incluíam igrejas, ativistas gays e feministas e grupos antirracistas, os Panteras Negras criaram o Comitê Nacional de Combate ao Fascismo, sem restrições de filiação. A emergência do que se designou, por esse comitê, de “Coalizão Arco-Íris”, funcionou como uma correia de transmissão circular: cada grupo assumia sua pauta particular no esforço conjunto de oposição à Guerra no Vietnã, no coletivo de lutas libertatórias globais e domésticas, e na resistência à ofensiva policial.

O FBI mudou sua estratégia de combate aos Panteras em 1971. Naquele momento, embora não contasse com boa parte de seus quadros políticos, já presos, mortos ou exilados, o Partido atingiu seu auge de expansão, filiação e influência. Em um dos pontos altos do livro, Bloom e Martin Jr. descrevem como o Federal Bureau of Investigation,

respondendo à guinada do governo Nixon, desarticulou a rede de apoiadores dos Panteras Negras e iniciou o seu declínio. Do isolamento que se produziu, seguiu-se a exposição de diferenças políticas e temáticas, contradições retóricas e tensões internas e com aliados que rapidamente tornaram o Partido politicamente insignificante.

Diplomaticamente, o compromisso de Nixon com a gradual retirada das tropas do Vietnã, o restabelecimento de relações com China e Argélia e a conclusão da maioria das lutas de libertação nacional na África desmobilizou as organizações estudantis antiguerra e inibiu o apoio internacional aos Panteras. Dava-se fim à pauta “anti-imperial” comum. Com a universalização das cotas raciais como política de Estado, bem como a ampla reforma universitária, que tornou os chamados “estudos afro-americanos” item curricular obrigatório, normalmente com dotação orçamentária e suporte departamental próprios, o governo Republicano capturou a atenção e conquistou a confiança da maioria dos aliados dos Panteras nas universidades e entre as classes médias. Alianças e acomodações políticas são estabelecidas com estes setores: após terem sido expelidos ou hostilizados pelo Partido, a velha guarda do Movimento dos Direitos Civis e as jovens organizações negras assumem, já dentro do governo, a implantação dessas medidas que se tornariam, mais que a retomada das políticas sociais de Lyndon B. Johnson, o início da gestação do multiculturalismo como proposta de ordem.

O faccionalismo também destruiu os Panteras. A liderança do Partido, quando desafiada a iniciar a prometida luta arma-

da pela facção — depois conhecida por — Black Liberation Army, optou por tentar preservar aliados politicamente moderados, especialmente entre seus principais patrocinadores. Huey Newton, que então se deslocava para o centro da máquina democrata na Califórnia, e para a gestão de programas de assistência comunitária em nada diferentes daqueles que já vinham sendo realizados nas várias instâncias de governo, desmilitarizou a imagem da organização, abandonou a retórica revolucionária, promoveu expurgos e estabeleceu uma rígida estrutura burocrática de mando. Além disso, estreitou laços com pequenas máfias do submundo de Oakland, dinâmica de despolitização que acabou por afastar, sobretudo, aos aliados e rede de contatos entre a Nova Esquerda. Feministas e gays externos às comunidades negras já haviam retirado seu apoio antes disso, em razão do persistente sexismo que supostamente se definia como traço da atuação dos Panteras.

Desbaratados por sucessivos *raids* policiais, mais duradouros que sua real relevância, as cisões civis ou armadas do Partido perderam rapidamente, após 1973, a consistência programática que caracterizara sua existência anterior, como pretendida organização de massa. Assim, embevecidos e guiados apenas pelo heroísmo, os membros remanescentes, reduzidos ao terrorismo ou ao gangsterismo, deixaram de existir formalmente como grupo.

Embora tantas referências icônicas dos Panteras, desde a saudação de punhos erguidos à sua particular articulação dos imperativos do *Black is beautiful* — mais orgulhosa

exposição de signos corporais que pesquisa de africanismos — povoem a moda, a cultura *pop* e o panteão de referências de inúmeros grupos políticos, ninguém seria capaz de reivindicar o espólio deles. Falando principalmente dos Estados Unidos, os autores argumentam que se deve recusar ver qualquer continuidade exatamente onde ela é mais mencionada e reivindicada: entre os advogados da chamada *thug life*, presentes nas expressões dominantes do *rap* contemporâneo; e entre os ativistas das políticas raciais de Estado. Os argumentos de Bloom e Martin Jr. me convencem de que estes já seriam outra história, pois suas agendas e métodos eram não apenas diferentes: por defenderem, do centro do espectro político, sobretudo propostas de reforma e reordenamento da ordem racial, suas posições seriam adversárias à posição antirracista, às lutas antiestatistas e às táticas de recrutamento e politização do lumpem criminal que os Panteras praticaram.

Com cuidadoso uso de documentação e crítica aos testemunhos, *Blacks Against Empire* ajuda a esclarecer o complexo trabalho de memória — que também é esquecimento e encobrimento — que atualmente sustenta (pode-se dizer, também no Brasil) a gestação de políticas ditas antirracistas. Embora não seja evidente, a definição do perfil da ordem democrática como ligado, não à Questão Política (liberdades), mas à resolução da Questão Social (compensação, reparação), envolve, de variadas formas, a história de malogro e sucesso de pessoas como os Panteras.

A HISTÓRIA DOS PANTERAS NEGRAS EM 27 FATOS IMPORTANTES

Por Lilly Workneh e Taryn Finley

O Partido dos Panteras Negras foi fundado há 50 anos – mas, ainda hoje, muitos equívocos sobre seu revolucionário trabalho correm soltos.

The Black Panthers: Vanguard of the Revolution (Os Panteras Negras: A Vanguarda da Revolução), um documentário de Stanley Nelson, que foi ao ar na rede de TV norte-americana PBS em fevereiro, jogou uma luz necessária sobre as contribuições, convicções e dificuldades dos membros do partido.

O filme de Nelson mergulhou a fundo na discussão sobre a verdade por trás dos Panteras Negras e destacou a forte reação institucional que o movimento de libertação recebeu da polícia e do governo.

Desde o radical início do grupo, em 1966, até sua dissolução, em 1982, aqui estão importantes fatos que você precisa saber para entender melhor os Panteras Negras.

1. O princípio central que guiava os Panteras Negras era “um amor infinito pelas pessoas”

O Partido dos Panteras Negras para Autodefesa, conhecido como o Partido dos Panteras Negras, foi fundado em 1966 por Huey Newton e Bobby Seale.

Esses dois revolucionários criaram a organização nacional como forma de combater coletivamente a opressão dos brancos. Depois de ver os negros sofrerem constantemente com a tortura praticada por policiais em todo o país.

Newton e Seale ajudaram a formar o pioneiro grupo de libertação dos negros para ajudar a construir uma comunidade e confrontar sistemas corruptos de poder.

2. Os Panteras Negras delinearam seus objetivos em um programa com 10 pontos

Os Panteras Negras criaram uma plataforma unificada e seus objetivos para o partido foram delineados em um plano de 10 pontos que incluíam demandas por liberdade, terra, habitação, emprego e educação, entre outros importantes objetivos.

3. Os Panteras Negras monitoravam o comportamento da polícia nas comunidades negras

Em 1966, a violência da polícia corria solta em Los Angeles, e a necessidade de proteger homens e mulheres contra a violência pelo estado era crucial.

Membros armados dos Panteras Negras apareciam durante as prisões de homens e mulheres negras, se posicionavam a uma distância permitida e vigiavam suas ações.

Era “para ter certeza de que não iria ocorrer nenhuma brutalidade”, Newton disse em imagens de arquivo, como mostrado no documentário.

Tanto os Panteras Negras quanto os policiais ficavam frente a frente, armados, um ato que estava de acordo com a lei de porte de armas vigente na Califórnia naquela época.

Esses confrontos, de muitas formas, permitiam aos Panteras proteger suas comunidades e vigiar a polícia.

4. O partido cresceu muito e chamou a atenção em várias cidades

O objetivo do partido de aumentar o número de adeptos não visava recrutar frequentadores de igreja, como explicado no documentário, mas recrutar negros que sofriam a brutalidade da polícia no dia a dia.

Quando os negros em todo o país viram os esforços dos Panteras na mídia, especialmente depois que invadiram, armados, a sede do governo da Califórnia em Sacramento, em 1967, mais mulheres e homens ficaram interessados em se filiar.

O grupo também abordou questões como moradia, bem-estar e saúde, o que foi de encontro aos anseios da população negra em todo o país. O partido cresceu rapidamente – e não estabeleceu um processo de triagem porque a prioridade, naquela época, era recrutar o maior número de pessoas possível.

5. “Liberte Huey” tornou-se um grito de guerra contagiante depois da prisão de Huey Newton, em 1967

Em 1967, Newton foi acusado de matar a tiros o policial John Frey, de 23 anos, durante uma blitz. Depois do tiroteio, Newton foi hospitalizado com ferimentos graves e algemado a uma maca em um quarto fortemente vigiado por policiais.

Como resultado de sua hospitalização e prisão, Eldrige Cleaver assumiu a liderança dos Panteras e exigiu que “Huey deveria ser libertado”.

A frase acabou sendo encurtada para “Free Huey” (Liberte Huey), duas palavras que despertaram um movimento exigindo a libertação de Huey.

6. Os Panteras Negras afirmaram a beleza negra, o que ajudou a atrair mais membros

A visão de homens e mulheres negras ostentando, sem modéstia, seus cabelos afro, boinas e jaquetas de couro exerceram um apelo especial para muitos negros na época.

Refletiu um novo retrato para os negros dos anos 60 de uma forma que atraiu muitos jovens negros que queriam se filiar ao partido – alguns até mesmo escreveram cartas para Newton pedindo para se filiar.

“Os Panteras não inventaram a ideia de que o negro é lindo”, disse Jamal Joseph, ex-membro do partido, que participou do documentário de Stanley. “Uma das coisas que os Panteras fizeram foi [provar] que o negro é lindo.”

7. Os Panteras Negras entenderam como a mídia funciona e, efetivamente, se aproveitaram disso

Os Panteras Negras promoveram sua agenda ao apelar para o que acreditavam que jornalistas e fotógrafos buscavam para cobrir o noticiário.

“Foram capazes de estabelecer sua legitimidade como uma voz de protesto”, disse o jornalista Jim Dubar no documentário. Elevaram suas vozes e imprimiram suas imagens em jornais, revistas e programas de TV.

8. O Partido dos Panteras Negras lançou o programa 'Café da Manhã Grátis para as Crianças'

O partido notou uma séria necessidade de nutrir crianças negras em comunidades marginalizadas, então gastavam cerca de duas horas preparando o café da manhã antes da escola para crianças em bairros pobres.

“Estudos revelaram que crianças que não tomavam um bom café da manhã eram menos atentas na escola e menos inclinadas a ter um bom desempenho, e sofriam de fadiga”, disse no documentário David Lemieux, ex-membro do partido.

“Apenas usamos essa informação e desenvolvemos um programa para servir café da manhã para crianças”, acrescentou. “Estávamos demonstrando amor por nossa gente”.

O partido servia cerca de 20 mil refeições por semana e se tornou o programa mais bem-sucedido dos 35 lançados pelos Panteras.

9. O partido tinha inimigos nos altos escalões, como o ex-diretor do FBI, J. Edgar Hoover, que lançou a COINTELPRO

O ex-diretor do FBI J. Edgar Hoover, temia a ascensão do Partido dos Panteras Negras, por isso criou a operação secreta COINTELPRO, para desacreditar os grupos nacionalistas negros.

O objetivo do Programa de Contraespionagem era “desmascarar, perturbar, desorientar, desacreditar ou, caso contrário, neutralizar” as atividades dos nacionalistas negros.

“Éramos seguidos todos os dias, éramos assediados, nossos telefones eram grampeados, nossas famílias eram assediadas”, disse Ericka Huggins, que fazia parte dos Panteras Negras, cujos pais foram questionados pelo FBI, segundo o filme. Hoover enviava regularmente cartas aos policiais encorajando-os a encontrar novas formas para conter o Partido dos Panteras

Negras. Embora a COINTELPRO tivesse outros alvos além do partido, 245 de um total de 290 ações eram direcionadas aos Panteras Negras.

10. Hoover temia a “ascensão de um messias negro”

Hoover temia qualquer expansão do movimento e, especialmente, temia que aliados brancos se unissem aos ativistas negros para apoiar o movimento.

Através da COINTELPRO, Hoover encontrou formas de rastrear, perseguir e pesquisar informações sobre o partido, incluindo a inserção de informantes do FBI dentro do grupo.

Um deles foi William O'Neal, que atuou como guarda-costas do proeminente membro do Panteras Negras Fred Hampton.

11. Os membros do partido moravam juntos nos “Panther Pads”

Em resposta à operação COINTELPRO, os membros do partido criaram centros comunitários chamados de “Panther Pads”.

Alguns membros pararam de ir para casa para proteger suas famílias, por isso ficavam juntos.

Os “Panther Pads” tinham de ser monitorados 24 horas e uma lista de responsabilidades rotativa, o que, por sua vez, ajudou a criar um senso mais forte de comunidade.

12. Mulheres negras tiveram voz, ganharam reconhecimento e ajudaram a fortalecer o movimento

Os Panteras Negras são frequentemente associados com seus integrantes do sexo masculino, mas as mulheres desempenharam um papel fundamental no partido. No começo dos anos 70, o partido Panteras Negras era formado em sua maioria por mulheres.

Mulheres como Kathleen Cleaver (na imagem), Assata Shakur, Elaine Brown e Angela Davis – que não era filiada – assumiram funções de liderança e tinham uma enorme influência na direção do partido.

“O Partido dos Panteras Negras certamente tinha um tom machista, então tentamos mudar alguns papéis de gênero evidentes de modo que as mulheres tivessem armas e os homens preparassem o café da manhã para as crianças”, Brown disse no documentário.

“Conseguimos superar aquilo? Claro que não. Como gosto de dizer, não achamos esses irmãos em um céu revolucionário.”

13. Os Panteras Negras ajudavam a financiar o partido com a venda de jornais, que exibiam impressionantes obras de arte

Os Panteras distribuíam um jornal em várias cidades que se tornaram vitais para a sobrevivência do partido. Eles vendiam o jornal por 25 centavos de dólar, cuja metade ia para impressão e a outra metade para os diferentes ramos do grupo.

O jornal, que trazia o plano de 10 pontos, alcançava pessoas as quais os Panteras não tinham acesso. O jornal também retratavam obras de arte comoventes, que mostravam a resiliência do cotidiano dos negros.

14. O assassinato de Martin Luther King causou um impacto devastador no partido

O ícone dos direitos civis, Martin Luther King Jr., que consistentemente defendia a não violência e inspirou muitas pessoas, foi assassinado em 1968.

Seu assassinato desencadeou uma resposta de grandes proporções dos Panteras Negras. “Eles haviam matado a última chance que eu tinha de ser pacífico em relação a eles”, disse um ex-membro do partido. “Eles haviam matado sua última chance de negociação.”

15. O assassinato pela polícia do garoto Bobby Hutton, de 17 anos, causou grande impacto

A resposta de Eldridge Cleaver à morte de Luther King foi mobilizar os membros do partido a atacar a polícia. Os mais jovens, sendo que o mais novo deles era Bobby Hutton, de 17 anos, estavam armados e prontos, apesar dos membros mais velhos não concordarem com a ideia.

Depois de ser acuado pela polícia em um porão, Cleaver instruiu o grupo a se render tirando toda a roupa, para que a polícia visse que estavam desarmados. No entanto, Hutton ficou com vergonha, por isso tirou apenas a camiseta.

Hutton saiu da casa com as mãos para cima e foi imediatamente baleado pelos policiais. O jovem foi um dos primeiros membros do partido a ser morto pela polícia.

16. Eldridge Cleaver se mudou para a Argélia e se concentrou na expansão do partido no exterior

Esperava-se que Cleaver se entregasse logo depois da morte de Hutton, mas fugiu do país. Ele se mudou para a Argélia e fundou um diretório internacional.

Com isso, os Panteras Negras puderam estabelecer relações com os norte-coreanos, vietnamitas, chineses e vários movimentos de libertação africanos. Esses países compartilhavam um sentimento antiamericano semelhante ao dos Panteras.

17. David Hilliard assumiu o comando do partido temporariamente

Com Huey Newton e Bobby Seale na prisão, e Eldridge Cleaver na Argélia, o partido ficou sem um líder.

Com isso, em 28 de setembro de 1968, David Hilliard, um destacado membro do partido na época, tornou-se presidente interino do Panteras antes de ser julgado um ano depois em conexão com as acusações resultantes do assassinato de Hutton pela polícia

18. O FBI reforçou a ofensiva contra os Panteras Negras, que eram considerados uma organização terrorista

Depois da eleição do então presidente dos Estados Unidos Richard Nixon, em 1968, os membros do Partido dos Panteras Negras disseram que sua administração deu a Hoover ainda mais poder para “oprimir sem restrições”.

Logo depois, Hoover identificou o Partido dos Panteras Negras como a principal ameaça aos EUA. Sua declaração, dita durante o envolvimento dos EUA na guerra do Vietnã, despertou uma fúria imediata. Após sua condenável afirmação sobre o partido, o FBI adotou uma abordagem mais pró-ativa em relação ao que considerava ser uma organização terrorista.

No filme, os Panteras Negras disseram que o FBI manipulava a polícia, invadia casas, e provocava tiroteios que levavam à prisão de vários homens e mulheres da comunidade negra.

19. “O Pantera 21” abriu um novo precedente entre membros do partido

Em 2 de abril de 1969, 21 dos principais líderes dos Panteras Negras foram presos e acusados de atividades ligadas ao terrorismo.

A pena contra os ativistas era de 360 anos e o valor das fianças exorbitante. Os membros da comunidade se uniram para arrecadar dinheiro para as despesas jurídicas; imagens antigas do documentário mostram até a atriz Jane Fonda organizando uma campanha de arrecadação de fundos na própria casa.

Depois do processo que durou 13 meses e um julgamento de três horas, os ativistas foram finalmente absolvidos.

20. O partido começou a perder força devido às crescentes dúvidas sobre os objetivos dos Panteras

Embora a absolvição dos 21 membros do Panteras tenha sido comemorada, o compromisso com a missão do partido se enfraqueceu, assim como os níveis de engajamento.

Outras prisões e processos contra os Panteras Negras enfureciam vários membros do partido e consumiam muita energia, o que, por sua vez, desencorajavam novas filiações.

“Ninguém queria se aproximar de um partido tão conturbado”, disse um ex-membro do Panteras no filme.

21. O julgamento de Bobby Seale abriu caminho para a liderança de Fred Hampton

O cofundador do Panteras Negras, Bobby Seale, foi preso em Chicago, em setembro de 1969, acusado de conspirar para um motim, e depois foi julgado sob acusações de assassinato de um membro do Panteras, suspeito de ser um informante do FBI.

Durante seu julgamento, Seale exigiu que queria ser seu próprio advogado e insistiu em declarar seus direitos no tribunal.

Em resposta, o juiz ordenou que fosse colocada uma mordaca em sua boca e que o amarrassem na cadeira.

Durante seu julgamento, protestos eclodiram exigindo que o tribunal “parasse o julgamento”. Foi nesse período que Fred Hampton ganhou relevância por sua admirável liderança e discursos empoderadores durante os protestos.

“Você pode prender um revolucionário, mas não pode prender a revolução”, foi uma de suas famosas frases.

Hampton foi uma voz de unidade racial e ajudou a construir uma base mais ampla do Panteras Negras em Chicago. Ele até mesmo expandiu sua coalizão para incluir tanto hispânicos quanto ativistas brancos que compartilhavam a mesma missão ou objetivo semelhante.

22. A polícia invadiu a casa de Fred Hampton, matando-o e também a outro membro do partido

Em 5 de dezembro de 1969, a polícia invadiu a casa de Fred Hampton e fez entre 82 a 99 disparos, que mataram tanto Hampton quanto Mark Clark, um líder do partido da cidade de Peoria, no estado de Illinois.

A polícia alegou que a decisão de abrir fogo teve justificativa, mas os membros do Partido Panteras Negras, como afirmado no filme, acreditam piamente que Hampton era um alvo e que o tiroteio foi planejado pelo FBI. Uma investigação conduzida depois do tiroteio revelou que apenas um tiro foi disparado pelos Panteras.

“Foi um tiro para dentro, não para fora”, um integrante do partido descreveu no documentário. Enquanto isso, William O’Neal, informante do FBI, teria recebido um bônus em dinheiro.

23. A polícia de Los Angeles abriu fogo contra os Panteras Negras, levando a um tiroteio de grandes proporções

Apenas quatro dias depois da morte de Hampton em Chicago, a polícia de Los Angeles invadiu o escritório dos Panteras Negras na cidade. Isso aconteceu numa época em que os conflitos raciais no país haviam se intensificado e a polícia se posicionou como força dominante.

Em 8 de dezembro de 1969, 300 membros da SWAT iniciaram um ataque ao estilo militar contra os Panteras Negras. Os Panteras não se renderam e dispararam de volta, levando a um enorme confronto que durou cinco horas, com 5 mil cartuchos de munição e três pessoas feridas de ambos os lados.

Todos os sobreviventes dos Panteras Negras foram levados sob custódia. Até hoje, e apesar da violência, vários Panteras Negras consideram aquele momento uma vitória, incluindo Wayne Pharr, que faz um relato detalhado e fascinante, no documentário e em seu recente livro, do que exatamente aconteceu naquele dia. “Depois daquilo, todos os principais atores estavam na prisão”, disse Pharr. “Trancados.”

24. Huey Newton foi libertado da prisão e depois renovou o foco do movimento

Quase oito meses depois do violento confronto em Los Angeles, multidões começaram a se reunir em Oakland e exigir a absolvição e libertação de Newton.

Em 5 de agosto de 1970, Newton era um homem livre e sua libertação foi comemorada em vários lugares. Newton voltou ao movimento e renovou o foco do partido em programas como o Café da Manhã Grátis para Crianças.

No entanto, isso provocou algumas críticas por parte de membros do partido. “As pessoas não viam [o partido] como veículo para o serviço social”, a ex-integrante do Panteras Negras, Kathleen Cleaver, disse no documentário.

“Elas o viam como plataforma para uma mudança política radical.”

25. O Partido dos Panteras Negras ficou dividido devido às crescentes diferenças

Com Newton recém-libertado, Bobby Seale preso e Eldridge ainda na Argélia, a liderança do partido se enfraqueceu. Alguns Panteras Negras escolheram um líder para seguir, enquanto outros simplesmente desistiram.

“O partido tinha líderes que não estavam à altura de seus seguidores”, disse a historiadora Clayborne Carson no filme. Enquanto isso, alguns deles suspeitavam que a divisão era obra de Hoover, do FBI, como observado pelo historiador Beverly Cage: “Isso é parte do objetivo das operações COINTELPRO”, afirmou.

26. Os Panteras Negras apoiaram a campanha de Bobby Seale para prefeitura de Oakland

Em 1972, Newton fechou os diretórios do Panteras Negras no condado e centralizou o movimento em Oakland.

“Os números estavam caindo e a força do partido também, então apenas fazia sentido consolidar e ver o que podíamos fazer com o que tínhamos”, disse a ex-Panteras Negras Elaine Brown no filme.

Naquele mesmo ano, o membro do partido Bobby Seale saiu da prisão e depois disputou a prefeitura de Oakland.

Usar seu poder político nas urnas foi uma nova abordagem para o movimento e o entusiasmo cresceu rapidamente. Seale fez uma forte campanha, o que acabou registrando 500 mil eleitores na cidade. Embora não tenha vencido, o movimento considerou a iniciativa bem-sucedida em alguns aspectos.

27. O movimento começou a desaparecer, mas os legados dos envolvidos na revolução são duradouros

Depois da derrota de Seale, muitos disseram que havia um vazio no movimento, que levou ao fechamento de vários diretórios nacionais.

Nessa época, líderes destacados que estavam no partido desde o início decidiram sair e Newton passou a demonstrar um comportamento errático. Newton faleceu em 1989, aos 47 anos, depois de ter sido baleado em Oakland.

Eldrige morreu aos 62 anos, em 1998, embora sua família nunca tenha revelado a causa da morte.

Seale, hoje com 79 anos, está entre os muitos Panteras Negras ainda vivos que defende algumas das mesmas questões e carrega o legado pioneiro do partido.

REGRAS DO PARTIDO DOS PANTERAS NEGRAS

Todo membro do Partido dos Panteras Negras por este país da América racista deve concordar com estas regras como membros funcionais do partido. Membros do Comitê Central, funcionários centrais e locais, incluindo todos os capitães subordinados tanto à liderança nacional, estadual e local do Partido dos Panteras Negras aplicarão essas regras. Durações de suspensão ou outra ação disciplinar necessária pela violação destas regras dependerão de decisões nacionais por funcionários e comitês nacional, estaduais e locais onde a dita regra ou regras do Partido dos Panteras Negras forem violadas.

Todo membro do partido deve saber palavra por palavra de cabeça. E aplicá-las diariamente. Cada membro deve informar qualquer violação destas regras para sua liderança, ou serão considerados contrarrevolucionários também sujeitos à mesma suspensão pelo Partido dos Panteras Negras.

As regras são:

1. Nenhum membro pode ter narcóticos ou maconha em sua posse enquanto realiza trabalho do partido.
2. Qualquer membro flagrado usando narcóticos será expulso do partido.
3. Nenhum membro pode estar bêbado quando realizar trabalho diário do partido.
4. Nenhum membro violará regras sobre trabalhos do diretório, reuniões gerais do Partido dos Panteras Negras e encontros do Partido em qualquer lugar.
5. Nenhum membro do partido irá usar, apontar ou disparar uma arma de qualquer tipo desnecessária ou acidentalmente em qualquer um.
6. Nenhum membro do partido pode ingressar em qualquer outra força militar além do Exército de Libertação Negra.
7. Nenhum membro pode estar sob a posse de uma arma enquanto bêbado ou após o uso de narcóticos ou maconha.
8. Nenhum membro do partido cometerá qualquer crime contra outros membros ou população negra em geral, e não poderá furtar ou tomar do povo, nem mesmo uma agulha ou pedaço de linha.
9. Quando presos, membros do Panteras Negras fornecerão apenas nome, endereço, e assinarão nada. Noções jurídicas básicas devem ser entendidas por todos do partido.
10. O Programa dos Dez Pontos e a plataforma do Partido dos Panteras Negras devem ser conhecidos e entendidos por cada membro.
11. Comunicações do partido devem ser nacionais e locais.
12. O programa 10-10-10 deveria ser conhecido e também entendido por todos os membros.
13. Todos os secretários de finança operarão sob a jurisdição do Ministério de Finanças.
14. Cada pessoa apresentará um relatório sobre o trabalho diário.
15. Cada Líder de Subseção, Líder de Seção, Tenente e Capitão deverá fornecer relatórios diários de trabalho.
16. Todos os Panteras devem aprender a operar e realizar a manutenção de armas corretamente.
17. Todo membro de Liderança que expulsar um membro deverá submeter esta informação ao Editor do Jornal, para que seja publicado no periódico e sabido por todas as filiais e células.

18. Aulas de Educação Política são obrigatórias para filiação no geral.
19. Apenas membros de diretório designados para suas respectivas unidades a cada dia devem estar lá. Todos os outros devem vender jornais nas brigadas ou realizar trabalho de base na comunidade, incluindo Capitães, Líderes de Seções etc.
20. COMUNICAÇÕES - Todas as filiais devem fornecer relatórios semanais por escrito à Sede Nacional.
21. Todas as unidades devem implementar Primeiros Socorros e/ou Auxílio Médico.
22. Todas as filiais, unidades e componentes do Partido dos Panteras Negras devem apresentar Relatório Financeiro mensal para o Ministério de Finanças, e também ao Comitê Central.
23. Todos em posição de liderança devem ler um mínimo de duas horas por dia para se manter a par da conjuntura política atual.
24. Nenhuma filial ou unidade deve aceitar doações, fundos de pobreza, dinheiro ou qualquer outra ajuda de qualquer agência governamental sem consultar a Sede Nacional.
25. Todas as filiais devem aderir à política e ideologia estabelecidas pelo Comitê Central do Partido dos Panteras Negras.
26. Todas as unidades devem fornecer relatórios semanais por escrito às suas respectivas filiais.

8 pontos de atenção:

1. Fale educadamente.
2. Pague o justo pelo que comprar.
3. Devolva tudo que tomar emprestado.
4. Pague por qualquer coisa que danificar.
5. Não agrida ou xingue as pessoas.
6. Não danifique a propriedade ou colheita das massas pobres e oprimidas.
7. Não tome liberdades com as mulheres.
8. Se alguma vez tivermos que tomar prisioneiros, não os maltrate.

3 regras principais de disciplina:

1. Obedeça ordens em todas as suas ações.
2. Não tome uma única agulha ou pedaço de linha das massas pobres e oprimidas.
3. Entregue tudo capturado do inimigo em confronto.

Sede Nacional
Oakland, Califórnia.

PROGRAMA DOS 10 PONTOS DOS PANTERAS NEGRAS

1. Queremos liberdade. Queremos o poder para determinar o destino de nossa Comunidade Negra.

Nós acreditamos que o povo preto não será livre até que nós sejamos capazes de determinar nosso destino.

2. Queremos emprego para nosso povo.

Nós acreditamos que o governo federal é responsável e obrigado a dar a cada homem emprego e renda garantida. Nós acreditamos que se o homem de negócios americano branco não nos dá emprego, então os meios de produção devem ser tomados dos homens de negócios e ser colocados na comunidade de modo que o povo da comunidade possa organizar e empregar todas as pessoas e dar-lhes um padrão elevado de vida.

3. Precisamos acabar com a exploração do homem branco na Comunidade Negra.

Nós acreditamos que este governo racista tem nos explorado e agora nós estamos demandando a quitação do débito de quarenta acres de terra e duas mulas. Quarenta acres e duas mulas foram prometidos 100 anos atrás em restituição pelo trabalho escravo e assassinato em massa do povo preto. Nós aceitaremos o pagamento em moeda corrente, que será distribuída às nossas muitas comunidades. Os Alemães estão agora reparando os Judeus em Israel pelo genocídio do povo Judeu. Os Alemães assassinaram seis milhões de Judeus. O Racista Americano tomou parte no massacre de mais de vinte milhões de pessoas pretas; conseqüentemente, nós sentimos que esta é uma demanda modesta que nós fazemos.

4. Nós queremos moradia, queremos um teto que seja adequado para abrigar seres humanos.

Nós acreditamos que se os senhores de terra brancos não dão moradia descente para a nossa comunidade negra, então a moradia e a terra devem ser transformadas em cooperativas de maneira que nossa comunidade, com auxílio governamental, possa construir e fazer casas descentes para as pessoas.

5. Nós queremos uma educação para nosso povo que exponha a verdadeira natureza da decadente sociedade Americana. Queremos uma educação que nos mostre a verdadeira história e a nossa importância e papel na atual sociedade americana.

Nós acreditamos em um sistema educacional que dê a nossos povos um conhecimento de si mesmo. Se um homem não tiver o conhecimento de si mesmo e de sua posição na sociedade e no mundo, então tem pouca possibilidade relacionar-se com qualquer outra coisa.

6. Nós queremos que todos os homens negros sejam isentos do serviço militar.

Nós acreditamos que o povo preto não deve ser forçado a lutar no serviço militar para defender um governo racista que não nos protege. Nós não lutaremos e mataremos os povos de cor no mundo que, como o povo preto, estão sendo vitimados pelo governo racista branco da América. Nós nos

protegeremos da força e da violência da polícia racista e das forças armadas racista, por todos os meios necessários.

7. Nós queremos o fim imediato da brutalidade policial e assassinato do povo preto.

Nós acreditamos que nós podemos terminar a brutalidade da polícia em nossa comunidade preta organizando grupos pretos de autodefesa que são dedicados a defender nossa comunidade preta da opressão e da brutalidade racista da polícia. A segunda emenda da Constituição dos Estados Unidos dá o direito de portar armas. Nós acreditamos consequentemente que todo o povo preto deve se armar para a autodefesa.

8. Nós queremos a liberdade para todos os homens pretos mantidos em prisões e cadeias federais, estaduais e municipais.

Nós acreditamos que todas as pessoas pretas devem ser liberadas das muitas cadeias e prisões porque não receberam um julgamento justo e imparcial.

9. Nós queremos que todas as pessoas pretas quando trazidos a julgamento sejam julgadas na corte por um júri de pares do seu grupo ou por pessoas de suas comunidades pretas, como definido pela Constituição dos Estados Unidos.

Nós acreditamos que as cortes devem seguir a Constituição dos Estados Unidos de modo que as pessoas pretas recebam julgamentos justos. A 14ª emenda da Constituição dos ESTADOS UNIDOS dá a um homem o direito de ser julgado por pares de seu grupo. Um par é uma pessoa com um acúmulo econômico, social, religioso, geográfico, ambiental, histórico e racial similar. Para fazer isto a corte será forçada a selecionar um júri da comunidade preta de que o réu preto veio. Nós fomos, e estamos sendo julgados por júris todo-brancos que não têm nenhuma compreensão "do raciocínio do homem médio" da comunidade preta.

10. Nós queremos terra, pão, moradia, educação, roupas, justiça e paz. E como nosso objetivo político principal, um plebiscito supervisionado pelas Nações-Unidas a ser realizado em toda a colônia preta no qual só serão permitidos aos pretos, vítimas do projeto colonial, participar, com a finalidade de determinar a vontade do povo preto a respeito de seu destino nacional.

Programa de 10 pontos escrito em 15 de outubro de 1966, quando da fundação do Partido dos Panteras Negras de Auto-defesa por Huey Newton e Bobby Seale.

LEI INTERNA E ORDEM INTERNACIONAL

Por **Eldridge Cleaver**, capítulo do livro *Alma no Exílio*¹

Escrito em 1965 direto da penitenciária estadual de Folsom, EUA.

Os departamentos de polícia e as forças armadas são as duas armas da estrutura do poder, os músculos de controle e coação. Possuem armas terríveis para infligir a dor no corpo humano. Sabem como causar mortes horríveis. Tem cassetetes para espancar o corpo e cabeça. Tem balas e revólveres para abrir buracos na carne, para pulverizar os ossos, para aleijar e matar. Empregam a força para lhe obrigar a fazer o que as autoridades decidiram que você deve fazer.

Todo o país sobre a terra tem essas agências da força. Os povos de todas as partes temem este terror e esta força. Para eles, é como uma fera rosnando que pode colocar um ponto final nos sonhos de alguém. Tem celas e prisões para trancafiá-los. Obrigam-nos a cumprir as sentenças. Não lhe deixam partir quando bem entender. Você tem de ficar em posição de sentido até que lhe deem permissão para relaxar. Se sua mãe está morrendo, você não pode sair para ficar a sua cabeceira para dizer adeus ou ir até o seu túmulo para vela descer a terra, para vê-la, pela última vez, tragada por uma cova escura.

As técnicas do cumprimento da lei são muitas: pelotões de fuzilamento, câmeras de gás, cadeiras elétricas, câmeras de torturas, garrote, guilhotina, a corda apertada no pescoço. Decidiu-se que a pena de morte é necessária para apoiar a lei, para tornar mais fácil o trabalho e fazê-la ser cumprida, para tornar mais fácil o trabalho de fazê-la ser cumprida, para impedir transgressões ao código penal. O fato de que nem todo mundo acredita nas mesmas leis está fora de discussão.

As leis que devem ser cumpridas dependem de quem está no poder. Se os capitalistas estão no poder, fazem com que se cumpram as leis voltadas a proteger seu sistema, seu *modus vivendi*.

O povo, entretanto, em parte alguma é consultado; mas em todas as partes tudo é sempre feito em seu nome e ostensivamente pelo seu bem-estar, embora seus problemas na vida real continuem sem solução. O povo é um carimbo de borracha para o ardiloso hipócrita. E nenhum problema pode ser resolvido sem levar em conta o departamento de polícia e as forças armadas. Tanto reis como os bobos da corte compreendem isso, tanto as primeiras damas como as prostitutas comuns.

A polícia faz em nível doméstico o que as forças armadas fazem em plano internacional: protegem o *modus vivendi* dos que estão no poder. A polícia patrulha a cidade, isola comunidades, bloqueia estradas, invade casas, procura por aquilo que está escondido. As forças armadas patrulham o

¹ Eldridge Cleaver foi um dos militantes do Partido dos Panteras Negras pela Autodefesa. Escreveu no período que esteve na cadeia o livro **Alma no Exílio**, uma autobiografia e sua leitura da sociedade racista do Estados Unidos da América. O trecho aqui transcrito fala sobre o papel da polícia na sociedade.

mundo, invadem países e continentes, isolam nações, bloqueiam ilhas e populações inteiras; e também devastam aldeias, regiões inteiras, invadem casas, cabanas, cavernas a procura daquilo que esta escondido.

O policial e o soldado violarão a sua pessoa, farão você sumir com vários gases. Cada um deles atirará em você, espancaram sua cabeça e corpo com paus e cassetetes, com coronhadas e rifles, atravessaram você com baionetas, abriram buracos em sua carne com balas, e o mataram. Cada um tem poder de ilimitado de fogo. Empregarão tudo que for necessário para fazer você cair de joelhos. Não admitirão um não como resposta. Se resistir a seus cassetetes, apelam aos revólveres. Se resistir aos revólveres, pedem reforços com canhões. Eventualmente virão em tanques, em jatos, em navios. Não descansarão enquanto você não se entregar ou morrer. O policial e o soldado ficarão com a última palavra.

Tanto a polícia quanto as forças armadas cumprem ordens. Ordens. Ordens de que vem de cima para baixo. Lá em cima, por trás das portas fechadas, em antecâmaras, em salões de conferências, martelos batem sobre mesas, o tilintar de jarros de prata podem ser ouvidos enquanto água gelada é servida em taças de cristal para homens bem nutridos e convencedoramente trajados.

Cada cidade tem seu departamento policial. Nenhuma estaria completa sem ele. Seria uma loucura total dirigir uma cidade sem o fuzil e o homem. Acabem com os policiais que os pretos “*botarão pra quebrar*” de costa a costa.

Os brancos estão no topo da América e desejam permanecer ali, bem no alto. Também estão no topo do mundo, no nível internacional, e também desejam permanecer ali, bem no alto. Em todo lugar existem aqueles que desejam quebrar este precioso relógio de brinquedo do sistema, tirar os brancos de cima do seu alto cavalo e torna-los iguais. Em todo lugar os brancos estão lutando para prolongar o seu status, para retardar a erosão de sua posição. Quando tudo mais fracassa eles chamam a polícia. No plano internacional, quando tudo o mais fracassa, chamam as forças armadas.

Desta forma, os negros, agora incitados pelo novo conhecimento que desenterraram, gritam – BRUTALIDADE POLICIAL!- De um extremo a outro, o novo grito de guerra foi dado. A juventude, esses nós de energia compulsiva, que é todo combustível e músculos, acelera seus motores na ânsia de fazer alguma coisa. Nos quartos sujos, nas esquinas fedorentas e escuras dos guetos, homens negros conscientes amaldiçoam a própria covardia e olham fixamente os rifles e revólveres espalhados sobre as mesas, tremendo como se desejassem que o impulso de valentia corresse através de seus corpos e os impelisse as ruas, aos berros e aturdindo para todos os lados, na polícia.

As mulheres negras olham para seus homens como se estes fossem lacraias, curiosos mecanismos de carne representando um jogo de esperar. A violência torna-se um pombo-correio voando através dos guetos a procura de um cérebro negro no qual possa se empoleirar durante uma estação.

Na sua fúria contra a policia, contra a brutalidade policial, os negros perderam de vista a realidade fundamental: a policia é apenas um instrumento para implementação das politicas daqueles que tomam as decisões. A brutalidade policial é apenas uma caceta de cristal do terror e opressão. Por trás da brutalidade policial esta a brutalidade social, a brutalidade econômica e a brutalidade politica. Da perspectiva do gueto, não é fácil distinguir isto: o locutor de televisão, o anunciador do radio e os editoriais dos jornais são os magos da cortina de fumaça e os enroladores.

Não é segredo que os negros estão em completa rebelião contra o sistema. Querem tirar a cabeça que esta enfiada na areia. Não gostam da maneira como o mundo é dirigido de cima para baixo. Alguém tem uma patente sobre tudo. Nada foi esquecido. Ate recentemente, os próprios negros eram contados como parte da propriedade privada de alguém, juntamente com as galinhas e as cabras. Os negros não esqueceram isto, principalmente por que ainda são tratados como se fossem parte do inventario de bens dos brancos.

Seja como for, os negros, entretanto, não estão em posição de respeitar ou ajudar a manter a instituição da propriedade privada dos brancos. O que desejam é imaginar um meio de conseguir um meio de conseguir algumas daquelas propriedades para si mesmos, desvia-las para o atendimento de suas necessidades enquanto povo. Esta é a essência da questão, a verdadeira brutalidade envolvida. Esta é a fonte de toda brutalidade.

A policia é a guardiã arma da ordem social dos brancos. Os negros são as principais vitimas da ordem social dos brancos. Um conflito de interesses existe, portanto, entre os negros e a policia. Não se trata unicamente de uma questão entre “os gambé” felizes em apertar o gatilho, dos “gambé” brutos que adoram esmagar cabeças de negros. Para maioria, trata-se de um emprego e bem pago. A grande questão é o sistema que fica feliz em apertar o gatilho.

Alguns falam de um dia que são existira mais policia. Todo homem cumprira seu dever, respeitara os direitos de seu vizinho, não perturbará a paz. As necessidades de todos serão examinadas com cuidado. Cada um terá simpatia pelo seu semelhante. Não ocorrerão coisas como crimes. Não haverá presídios. Toda terra vivera em abundancia.

É fácil observar que não estamos às vésperas dessa utopia: existem “gambés” por toda parte. No norte e no sul, os negros são os pobres. Veem propriedades por toda a parte, propriedades que pertencem aos brancos.

Em todo o mundo camponeses, desempregados, sem terra e sem teto, se rebelam e expropriam as terras dos antigos senhores brancos. Os negros acham que o titulo de propriedade não é eterno, que não é assinado por Deus, e que novos títulos, tornando os negros proprietários, devem ser redigidos.

Existem vinte milhões de negros na América e provavelmente mais. Os negros repetem para si próprios – EXISTEM VINTE MILHÕES IGUAIS A NÓS! Gritam isso com respeitosa admiração. Ninguém precisa dizer a eles que há um poder latente nesta massa. Sabem que vinte milhões de qualquer coisa é um número suficiente para receber algum reconhecimento e consideração. Sabem, também, que precisam aproveitar seu número e amola-lo como uma espada de fio cortante.

Enquanto os negros observam e especulam sobre táticas. São convocados a reagir. AGORA! AGORA! Por que não morrer aqui lutando contra o sistema da Babilônia, lutando por uma vida melhor, como os vietcongs?

Surge um novo estado de espírito, que se espalha pelos negros, através da face da Babilônia, cristaliza-se no coração dos negros por toda parte.

EXPLICANDO A EXTINÇÃO DO PARTIDO DOS PANTERAS NEGRAS:

o papel dos fatores internos

Ollie A. Johnson, III*

Tradução: Elizabeth S. Ramos**

RESUMO: O artigo trata das razões que levaram o Partido dos Panteras Negras (*BPP - Black Panther Party*) ao declínio. Analisa o papel da repressão política desencadeada pelo FBI e também ressalta os fatores internos que tornaram possível o enfraquecimento gradativo dos Panteras Negras. O autor argumenta que as disputas intrapartidárias, erros estratégicos e o culto à personalidade constituem elementos até então pouco explorados na análise da experiência do BPP. Os fatos que marcaram as quatro principais fases do Partido, desde sua criação, em 1966, até a extinção, em 1982, são analisados à luz da teoria da elite, segundo a qual as organizações políticas podem tender à "oligarquização", caracterizada pela concentração de poder, informação, conhecimento e competência nas mãos de um pequeno grupo de líderes.

PALAVRAS-CHAVE: Panteras Negras, movimentos sociais, Huey P. Newton, elite, organizações negras.

Huey P. Newton e Bobby Seale, respectivamente vinte e quatro e trinta anos de idade, fundaram o Partido dos Panteras Negras para Auto-Defesa (BPP) em 15 de outubro de 1966, em Oakland, Califórnia, porque queriam uma organização que contribuísse concretamente para o soerguimento social, econômico e político dos negros. Segundo afirmavam, o então recente movimento dos direitos civis havia fracassado no tratamento das necessidades das massas negras¹. O BPP representou a organização política afro-americana mais importante e

* Cientista Político, Professor da Universidade de Maryland, College Park.

** Doutoranda em Linguística Aplicada à Tradução na Universidade Federal da Bahia.

¹ NEWTON, Huey P. **Revolutionary suicide**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1973. p.99-114; SEALE, Bobby. **Seize the Time**. Baltimore: Black Classic Press, 1991. p.44-69. As versões original e revisada dos 10 Pontos da Plataforma e do Programa do BPP ilustram as diversas preocupações dos fundadores.

radical do movimento do poder negro, do final da década de 60 e início dos anos 70, com seções instituídas em vários estados e uma representação Internacional na Argélia, liderada por Eldridge e Kathleen Cleaver. (Pinkney, 1976, 1991) No seu ápice, os Panteras Negras eram a linha de frente de uma luta multiaxial e transnacional por transformações sociais fundamentais nos Estados Unidos e no exterior. A extinção do partido continua a intrigar acadêmicos, ativistas progressistas e o público em geral que indagam, fundamentalmente, quais fatores externos e internos levaram à sua queda.

O objetivo principal deste trabalho é contribuir para a compreensão do declínio do Partido dos Panteras Negras, principalmente os fatores internos que determinaram as transformações ocorridas entre o final dos anos 60 e o início dos anos 1980². Nesse período, o BPP passou de uma grande organização descentralizada e revolucionária, com aproximadamente cinco mil membros distribuídos em quarenta seções, para uma organização local, altamente centralizada e reformista, com menos de cinquenta Panteras nos arredores de Oakland, Califórnia.³

² Gostaria de agradecer a muitos amigos e colegas por seus comentários e críticas. Desde a Universidade de Maryland at College Park, aos estudantes de pós-graduação Pam Burke, Todd Burroughs, Margo Plater e Delgreco Wilson, pela assistência na pesquisa e informações. Aos docentes Ken Conca, Mark Graber, Ted Gurr, Paul Herrson, Joe Oppenheimer, Clarence Stone, Eric Uslaner e Bruce Williams por terem lido e discutido comigo os textos iniciais. Fora da Universidade de Maryland, os acadêmicos políticos negros Charles E. Jones e Robert C. Smith apresentaram críticas importantes e construtivas. Infelizmente, não pude incorporar todas as suas sugestões. Monifa Akinwole contribuiu com sua crítica útil e vigorosa. Agradecimentos especiais aos Panteras Negras, que concordaram em conceder entrevistas.

³ Há um debate corrente sobre os números de filiações ao BPP. Os apresentados acima são de Bobby Seale, presidente do BPP, de 1966 a 1974. Seale argumenta que as filiações atingiram seu ponto máximo, em torno de 5.000, na transição entre 1968 e 1969. Afirma que o BPP tinha aproximadamente 3.000 membros filiados em fevereiro de 1971, após uma importante cisão entre Huey Newton e Eldridge Cleaver. Seale declara que havia 1.250 membros filiados, no início de 1973, durante a campanha para as eleições municipais, e 500 depois da derrota eleitoral. Acredita que haviam 200 membros filiados, por ocasião do seu desligamento em 31 de julho de 1974. As estimativas de Seale estão baseadas em suas observações e em números que lhe foram dados pelos líderes do partido em todo o país. Entrevista feita pelo autor em 24 de setembro de 1994, na Filadélfia, Pensilvânia. A maioria das estimativas acadêmicas e jornalísticas sobre o número de membros filiados indica que em 1968 e 1969 o partido contava no máximo com 2000 pessoas. O BPP não mantinha listagens formais dos registros de seus membros. As filiações flutuam bastante ao longo da histó-

A maioria das pesquisas acadêmicas sobre os movimentos sociais da década de 60 indica que múltiplos fatores explicam o eclipse desses movimentos, entre eles, a repressão política, equívocos ideológicos, inexperiência de jovens filiados, disputas intrapartidárias, erros estratégicos e o fenômeno do culto à personalidade⁴. Buscando dar conta desta questão, Robert Michels e outros acadêmicos desenvolveram uma teoria social sobre organizações e sistemas políticos, conhecida como “teoria da elite”⁵. Na visão de Michels, as organizações populares, revolucionárias e socialistas democratas confrontam-se com um paradoxo, pois, apesar de tentarem promover a participação igualitária de seus membros, a necessidade de organização conduz à oligarquia⁶. Assim, os ativistas políticos que tentam expandir a prática democrática inevitavelmente produzem relações organizacionais desiguais. A lei de ouro da oligarquia é que uma minoria irá assumir e fazer uso indevido do poder e do controle numa organização política, devido a fatores técnicos e psicológicos,⁷ que acabam por garantir uma clara vantagem das elites sobre a massa de filiados.

Por um lado, tecnicamente, é difícil, para um grande número de filiados, processar de maneira eficiente e eficaz a multiplicidade de

ria do partido. Os números de Seale talvez devam ser vistos como estimativas constantemente flutuantes.

⁴ Vide, por exemplo, OBSERSCHALL, Anthony. **Social movements: ideologies, interests, and identities**. New Brunswick: Transaction Publishers, 1993; FREEMAN, Jo (Ed.). **Social movements of the sixties and seventies**. New York: Longman, 1983; MCADAM, Doug. **Political process and the development of black insurgency, 1930-1970**. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

⁵ MICHELS, Robert. **Political parties: a sociological study of the oligarchical tendencies of modern democracy**. New York: The Free Press, 1962. Para aplicações diretas da teoria da elite à política e sociedade americana, vide o trabalho de DEY, Thomas R. especialmente, **Who's Running America? The Bush Era**. 5th ed. Englewood, NJ: Prentice-Hall, 1990 e DYE, Thomas R.; ZEIGLER, Harmon. **The irony of democracy: an uncommon introduction to American Politics**. Pacific Grove, CA: Brooks/Cole Publishing Company, 1990.

⁶ Oligarquia refere-se a uma situação organizacional e política na qual os líderes estão livres e sem controle para tomada de decisões e atividades.

⁷ MICHELS. **Political parties**. p.61-106.

questões complexas com as quais a organização se confronta, o que resulta no excesso de confiança num pequeno grupo de líderes. Por outro, os fatores psicológicos contribuem para a distribuição desigual de informação, conhecimento e competência dentro da organização. Conseqüentemente, os membros pouco informados tendem a acatar os indivíduos que têm mais conhecimento sobre os assuntos da organização. Como afirma Cassinelli, “*o exercício do poder tem um efeito conservador e o líder tende a usar todo o poder para reter a sua posição. O líder termina vendo a organização, e seu próprio posto, como mais importante do que o objetivo professado pela organização*”.⁸

A teoria da elite é aqui utilizada para argumentar que o declínio do BPP foi devido, em parte, à oligarquização, considerando que, em um dado momento do seu desenvolvimento, a liderança centralizou o poder e mudou a estrutura organizacional do partido, assim facilitando o abuso do poder.

HISTÓRIA

A história do BPP pode ser dividida em pelo menos quatro fases. A **primeira fase (1966 – 1971)** vai do seu nascimento até a cisão. Esses foram os anos de glória do Partido. Durante seu primeiro ano e meio, constitui-se como um fenômeno essencialmente californiano, a partir de um pequeno número de jovens, que trabalhavam para proteger e servir a comunidade negra. O BPP iniciou o “policimento da polícia” em Oakland, Califórnia, devido ao alastramento de práticas de brutalidade policial. Os Panteras exigiam seu direito de observarem o comportamento dos policiais durante uma prisão, pois as leis municipais, estaduais e nacionais lhes asseguravam tal direito. Mais importante, patrulhavam as ruas armados e, quando confrontados pela polícia, expressavam de forma contundente seu direito constitucional de

⁸ CASSINELLI, C. W. The law of oligarchy. *American Political Science Review*, 1953. p.773-784. Agradeço o Professor Clarence Stone por enfatizar a importância desse artigo.

portar armas, numa audácia que impressionou a comunidade negra da região da baía de São Francisco.

O Partido angariou reconhecimento estadual e nacional, pela primeira vez, em maio de 1967, quando seus membros, liderados pelo presidente Seale, entraram em passeata na Assembléia Legislativa do estado da Califórnia para protestar contra um projeto de lei que proibia os cidadãos de portarem arma. Nessa época, o partido tinha, provavelmente, menos de cem membros. Em outubro do mesmo ano, quando Huey P. Newton foi baleado e acusado de assassinar um policial em Oakland, o incidente tornou-se um catalisador do crescimento do BPP. (Taylor; Lewis, 1995, p.26-51) Em 1968, o número de filiações se expandiu de forma impressionante em todo o país depois das mortes do Dr. Martin Luther King, Jr. e de Bobby Hutton (um dos primeiros membros do partido), e dos protestos e rebeliões urbanos ocorridos no verão. Em 1969-70, a presença dos Panteras Negras era sentida em quase todas as grandes cidades do país.

Depois de muitos confrontos violentos com a polícia, os líderes nacionais do partido começaram a colocar menos ênfase na defesa pessoal armada e a se dedicar mais a programas comunitários, em especial ao café da manhã gratuito para crianças, clínicas de saúde gratuitas e escolas libertárias. Entretanto, alguns Panteras em outras partes do país discordavam destas ações, assim como reclamavam da falta de participação na tomada de decisão em nível nacional. As sérias divergências políticas e ideológicas deram margem a conflitos, manipulados mais tarde pelo FBI (Gabinete Federal de Investigação). O período de 1968-70 culminou com a perda de membros, dada a repressão do governo e aos expurgos organizacionais que tinham o intuito de eliminar agentes infiltrados.⁹

⁹ Sobre o papel dos agentes infiltrados vide MARX, Gary T. Thoughts on a neglected category of social movement participant: the agent provocateur and the informant. *American Journal of Sociology*. n.2, p.80, 1974. Agradeço ao Professor Robert C. Smith por me ter chamado a atenção para este artigo.

A **segunda fase (1971 – 1973)** teve início com uma luta pela alma do BPP e terminou depois da derrota nas eleições municipais de Oakland. Em 1972, a liderança nacional decidiu convocar todos os membros do partido para a disputa do poder político local em Oakland, indicando como candidatos Bobby Seale, para prefeito, e Elaine Brown, para uma vaga na Câmara Municipal (*City Council*). O BPP investiu na política eleitoral municipal de uma forma sem precedentes, moderando a linguagem e passando a enfatizar uma imagem reformista em lugar da revolucionária. Como reflexo dessa postura menos radical, os Panteras até inscreveram-se como membros do Partido Democrata.

No entanto, a decisão de fechar praticamente todas as seções do BPP para fortalecer a campanha eleitoral precipitou um processo quase irreversível de retração e declínio organizacional. Apesar do esforço dos membros do partido que se transferiram para trabalhar no sul da Califórnia, Seale não chegou à prefeitura de Oakland e Brown também perdeu a eleição para a Câmara Municipal (Taylor; Lewis, p.99-124). Ao longo deste período, grande parte do poder havia sido depositada nas mãos de um único indivíduo, Huey P. Newton, que muitas vezes o utilizou de forma irresponsável e destrutiva.

A **terceira fase (1973 – 1977)**, iniciada depois da derrota eleitoral do partido, foi intensificada pela renúncia de Seale, em 1974, e culminou com a saída de Brown. Essa fase, caracterizada especialmente por um baixo número de filiações e questionáveis atividades de segurança, propiciou, no entanto, o envolvimento bem sucedido dos Panteras na política de Oakland. Durante esse período, Newton consolidou-se no poder. Contudo, sua falta de responsabilidade para com a organização, combinada com o uso de drogas e o alcoolismo, levaram-no a um comportamento errático e violento, que gerou uma imagem negativa para os Panteras. Antes de seguir para Cuba, fugindo de acusações criminais, em agosto de 1974, indicou Elaine Brown para a pre-

sidência do BPP, que passou a trabalhar para aumentar sua influência junto às elites econômicas e políticas locais. (Brown, 1992, p.311-450)

A **quarta fase (1977 - 1982)**, que assinalou a dissolução final do Partido, teve início com a volta de Newton aos Estados Unidos. Apesar de absolvido de acusações de assassinato, sua recondução ao poder da organização foi fatal para o BPP. Enquanto alguns membros trabalhavam nas poucas iniciativas positivas que restavam no Partido, tais como a escola comunitária e o jornal, Newton e seus seguranças se engajavam em atividades que continuavam a difamar a organização. Essas atividades incluíam uso abusivo de drogas e álcool, violência contra membros do Partido e pessoas da comunidade, e malversação de fundos¹⁰. Formalmente, o BPP acabou com o fechamento da escola comunitária de Oakland, em 1982.

FATORES EXTERNOS: REPRESSÃO DO GOVERNO

Muitos escritores argumentam, de maneira persuasiva, que o BPP foi destruído pela combinação da repressão dos governos municipais, estaduais e nacional. Embora haja evidências que sustentem este ponto de vista, ele oferece um quadro incompleto da situação, o que exige rever as interpretações correntes. Ward Churchill e Jim Vander Wall sugerem que o Gabinete Federal de Investigações (FBI) “*foi fundado, mantido e regularmente expandido como um mecanismo que visava evitar, cercear e reprimir a expressão da diversidade política nos Estados Unidos*” (Churchill; Wall, 1990, p.12). De fato, o FBI considerava o BPP como um participante inaceitável na política e na sociedade norte-americana e, em 1968, seu então diretor, J. Edgar Hoover, descreveu o partido

¹⁰ TAYLOR. and LEWIS. **Panther**. p.120-128. Vide PEARSON, Hugh. **The shadow of the Panther**. Huey Newton and the Price of Black Power in America. Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Company, 1994. Na visão de Pearson a violência, o sexismo e o elitismo excessivos permearam o partido desde o início. Contudo, o autor exagera as atividades negativas de membros do partido neste período inicial, ao descrever os erros reais e os supostamente cometidos por membros específicos e, em seguida, generalizá-los e imputá-los ao partido como um todo.

como a maior ameaça interna à segurança nacional. De acordo com um historiador:

Como os Panteras Negras atraíam a atenção da nação, J. Edgar Hoover decidiu que eles teriam que ser destruídos. Lançadas durante a presidência de Lyndon Johnson, as campanhas contra os Panteras já tinham entrado na fase mais repressiva, mesmo antes que a administração de Nixon começasse a pressionar o FBI para agir ainda com mais força. A caça de Hoover ao Partido dos Panteras Negras foi ímpar apenas no seu total descaso pelos direitos humanos e pela vida em si. (O'Reilly, 1989, p.164)

Dado o ostensivo esforço do FBI em aniquilar o BPP, Churchill e Vander Wall escrevem que “*sob o peso de uma repressão orquestrada, sustentada e tão cruel – e apesar da incrível bravura com a qual muitos de seus membros tentaram dar continuidade ao trabalho – o Partido dos Panteras Negras simplesmente entrou em colapso*”. (Churchill; Wall, 1990, p.164)

A ação secreta do FBI contra o BPP teve início em 1968 e se estendeu até 1971, quando o órgão alegou ter posto fim a todos os seus programas de contra-inteligência (COINTELPRO) contra grupos domésticos, em face de vazamentos de informações de segurança. O COINTELPRO já existia desde agosto de 1967, visando um conjunto diverso de organizações negras, identificado como “*Black Nationalist Hate Groups*”. Na mira da operação estavam as principais organizações políticas afro-americanas¹¹ e vários líderes proeminentes, entre eles, Martin Luther King, Jr., Stokely Carmichael, H. Rap Brown, Maxwell Stanford e Elijah Muhammad. O BPP só despertou a atenção do FBI quando adquiriu destaque nacional e internacional, levando o COINTELPRO a instigar conflitos violentos entre o partido e outros grupos do movimento do poder negro, estimular as divergências internas, minar o apoio e provocar ataques das polícias locais aos Panteras. Com estas táticas, em muitos casos, o FBI conseguiu neutralizar os

¹¹ A exemplo da *Southern Christian Leadership Conference (SCLC)*, *Student Nonviolent Coordinating Committee (SNCC)*, *Revolutionary Action Movement (RAM)* e a *Nation of Islam (NOI)*.

programas políticos do BPP.¹² O Partido foi vítima de quase 80 por cento das 295 “ações” autorizadas do FBI, contra grupos políticos negros. É nesta evidencia que se baseiam os argumentos que privilegiavam o papel do governo na destruição do BPP.

A ampla repressão governamental enfrentada pelo partido se manifestava de diversas formas. Todos os Panteras, tanto a liderança, quanto os membros em geral, eram sujeitos a vigilância e assédio constantes dos policiais, que multavam por infrações das leis de trânsito, não cometidas ou insignificantes, e prendiam militantes sob acusações fraudulentas. As multas por violações das leis de trânsito e por prisões injustificadas forçaram o BPP a alocar tempo e dinheiro para assuntos legais, ao invés de utilizá-los na organização da comunidade negra. Entre dezembro de 1967 e dezembro de 1969, o Partido pagou mais de duzentos mil dólares em fianças, dinheiro esse que nunca mais recuperaria. No mesmo período inicial da história do Partido, pelo menos vinte e oito Panteras foram mortos¹³, tanto por causa de conflitos com a polícia local e lutas internas provocadas pela ação do FBI, como por conflitos externos com outras organizações do movimento do poder negro. Por conseguinte, os Panteras quase sempre se sentiam sitiados pelo inimigo, sem saber em quem confiar e sem saber quando encontrariam a morte. O Pantera nova-iorquino, Dhoruba Din Wahad, nascido Richard Moore, recorda:

Eu me sentia como se estivesse indo para a guerra. Se estivesse passando pela rua e as crianças estourassem uma bombinha tipo traque, cara, eu me escondia depressa. A gente só não atirava de volta porque tinha um acordo de

¹² CONGRESSO AMERICANO. Senado. **Book III, Final Report of the Select Committee to Study Governmental Operations with Respect to Intelligence Activities.** 94th Cong., 2d sess., 1976.

¹³ GARRY, Charles R. A survey of the persecution of the Black Panther Party In. FONER, Philip S.(Ed.). **Blacks Panthers Speak.** New York: Da Capo Press, 1995. p.257-258. O recente livro de DONNER, Frank. **Protectors of privilege: red squads and police repression in urban America.** Berkeley: University of California Press, 1990, também enfatiza a forma como o departamento de polícia local quase sempre assediava os Panteras Negras em cidades por todo o país.

primeiro ver quem era. Foi assim até me prenderem. Você pode ver pelas fotos como eu era. Parecia um daqueles prisioneiros de guerra, nos estágios iniciais da batalha no Laos – entende? No Vietnam. Eu estava em completo estado de choque. Tinha uma mentalidade de combatente. (Fletcher; Jones; Lotringer, 1993, p.10)

No seu programa para destruir o BPP, as agências governamentais atacavam os principais líderes de forma particularmente brutal e sofisticada. Dois breves exemplos ilustram este ponto. Constituída em novembro de 1968, a seção do BPP no estado de Illinois foi uma das mais ativas e produtivas no país. Liderada pelo carismático Fred Hampton, a seção iniciou o programa de café da manhã gratuito para crianças, operava uma clínica médica para atendimento gratuito e negociou uma trégua entre algumas das mais violentas e notórias gangues de rua de Chicago. Hampton e seu companheiro de partido Bobby Rush também lideraram grandes comícios em prol da campanha “Liberdade para Huey” e outras demonstrações de rua. O sucesso no efetivo trabalho organizativo chamou a atenção dos agentes da lei e informantes do FBI infiltraram-se na seção para tentar minar suas atividades. Nessa conspiração, cabia ao FBI coordenar as ações e compartilhar informações sobre o BPP com autoridades policiais, municipais e estaduais. Esses esforços culminaram com o assassinato, por policiais de Chicago, dos líderes Fred Hampton e Mark Clark, em 4 de dezembro de 1969. Na ocasião, vários outros Panteras foram feridos na *blitz* efetuada no apartamento de Hampton, às quatro horas da manhã.¹⁴

O caso de Elmer “Gerônimo” ji Jaga (Pratt) oferece um outro exemplo das tentativas do governo dos Estados Unidos de destruir o BPP, através da “neutralização” de suas lideranças. A saga deste ex-líder do BPP começou quando, depois de cumprir dois anos de prisão por uma acusação não relacionada à sua atuação no Partido, um tribunal em Los Angeles o condenou, em 1972, pelo assassinato de uma

¹⁴ FRENCH, Lynn. The murder of Fred Hampton. **Photocopy**. p.21-30; CHURCHILL; WALL, Vander. **Agents of repression**. p.64-77.

mulher em Santa Mônica, ocorrido em 1968. Três dos pontos cruciais no caso envolvem o FBI.

Primeiro, a descrição do criminoso, feita pelo marido da vítima imediatamente após o crime, não correspondia a Ji Jaga. Entretanto, quatro anos mais tarde, o marido o identificou como culpado, quando apenas o ex-Pantera, ao contrário dos demais homens perfilados para identificação, trajava roupa semelhante à usada pelo assassino na ocasião do crime. Segundo, a testemunha-chave da acusação, Julius C. Butler, um ex-membro do BPP, negou sob juramento que trabalhava em agência de segurança, assim como o FBI também negou sob juramento, que Butler fosse um informante. Em 1979, novos documentos do FBI tornados públicos revelaram que Butler não apenas havia mantido encontros com agentes, como também passara para eles informações sobre Ji Jaga. Terceiro, o FBI infiltrou-se no grupo de amigos e advogados que planejavam a defesa no julgamento. Por último, Ji Jaga argumentou que estava em Oakland no dia do crime, 18 de dezembro de 1968, o que poderia ser comprovado pelas fitas de gravação de telefonemas dos Panteras feitas naquele mês pelo próprio FBI, em Oakland e Los Angeles. Misteriosamente, o FBI alegou que as fitas haviam sido destruídas. Ji Jaga só foi libertado após vinte e sete anos de prisão, quando um juiz da Califórnia reviu sua condenação, em junho de 1997, considerando os pontos acima¹⁵. Mas até o presente momento, a Promotoria Distrital não se decidiu quanto a um outro julgamento.¹⁶

¹⁵Antes disso, o **State Board of Prison Terms** da Califórnia já havia negado mais de uma dezena de pedidos de liberdade condicional para Ji Jaga.

¹⁶**Oakland Tribune**, 5 de maio de 1987, A-9; **Oakland Tribune**, 6 de maio de 1987, A-6; **San Francisco Examiner**, 12 de janeiro de 1986; Tribunal de TV Lock & Key. **Geronimo Pratt**, 23 de novembro de 1994; Associated Press “Judge Orders New Trial for Former Panther” *The Washington Post*, 30 de maio de 1997, A20; B. Drummond Ayres, Jr. “A Black Panther is Free at Last” **New York Times**, 15 de junho de 1997, Section 4,2.

Ao que tudo indica, o verdadeiro crime de J. J. Jaga foi ter sido um grande ativista, tanto como membro da seção do BPP no sul da Califórnia, contribuindo para a popularidade e o respeito desta dentro da comunidade (Kleffner, 1993, p.9-18), quanto como Vice-Ministro da Defesa do partido, ensinando rudimentos de autodefesa, estratégia e tática militar e organização política. Sua eficiência como um Pantera Negra foi parcialmente devida à experiência militar no Vietnã, onde

participou de uma série de missões altamente confidenciais, recebendo dezoito condecorações – inclusive a Estrela de Prata, a Estrela de Bronze (por valor), a Estrela Vietnamita de Bravura e o Coração Violeta. Apesar de seu heroísmo militar, J. J. Jaga desencantou-se com a natureza da guerra, com o sistema militar e com a ordem social que os gerava.” (Churchill; Wall, p.77)

A prisão injusta de J. J. Jaga e os assassinatos de Fred Hampton e Mark Clark não foram incidentes isolados. Durante todas as fases da história do partido, seus líderes e demais membros foram constantemente perseguidos e encarcerados por órgãos de segurança nos Estados Unidos e vários deles continuam presos até hoje por causa de sua participação no BPP (Boyd, 1995; Fletcher, 1993).

Embora os Panteras Negras tenham sido alvo de repressão política sistemática (aberta ou secreta) pelos três níveis de governo, o foco exclusivo nesse aspecto não dá conta da complexidade dos fatores que levaram à sua extinção. É preciso examinar o papel dos fatores internos para compreender inteiramente o declínio do Partido. Este, para contrapor a ofensiva da repressão governamental, adotou várias medidas, que incluíam o expurgo dos suspeitos de infiltração, o aperfeiçoamento dos laços com grupos comunitários tradicionais e a intensificação dos programas comunitários de sobrevivência (Newton, 1995, p.44-75).

A EXTINÇÃO DO BPP: fatores internos

A teoria da elite não trata da inevitabilidade do declínio de grandes organizações políticas. O que a teoria afirma é que os líderes,

geralmente, tentam aumentar seu poder, não raro às custas da organização, e que os membros que não ocupam posição de poder, em geral, não conseguem controlar seus líderes. Esse processo de oligarquização ajuda a explicar como a liderança contribuiu decisivamente para o declínio e eventual colapso do BPP, pelo menos de três maneiras: (1) pelo conflito intrapartidário; (2) pelos erros organizacionais estratégicos; (3) pelo autoritarismo de Huey P. Newton. Ao examinar como esses fatores foram críticos na extinção do Partido, retomo as quatro fases principais da história do BPP.

Como mencionei anteriormente, a primeira fase começou com o nascimento do BPP, em 1966, e foi até a cisão intrapartidária, em 1971. A saída de Newton da prisão, em agosto de 1970, representou o ponto crucial deste período inicial, quando o partido deixou de ser um pequeno grupo local, com base na baía de São Francisco, para se tornar uma organização nacional e internacional, estruturada em três níveis para acomodar esta rápida expansão (ver Quadro 1).

QUADRO 1
Estrutura Organizacional do Partido dos Panteras Negras, 1967-1968

Nível de Organização	Unidades e Cargos da Organização
Nacional	Comitê Central Ministro da Defesa Presidente Ministro da Informação Vice-Ministro da Informação Chefe do Staff Secretário de Comunicação Marechais de Campo Ministro da Educação Primeiro Ministro Ministro da Justiça Ministro das Relações Exteriores Ministro de Assuntos Religiosos Ministro da Cultura Ministro das Finanças
Regional	Seções Estaduais Líderes de Seções
Local	Escritórios Municipais Líderes locais Membros em geral

Fonte: Taylor and Lewis, 31; Holder, 16-26.

Nota: O Comitê Central sempre teve sua sede nacional na região da baía de São Francisco.

O Gabinete Internacional desenvolveu-se mais tarde, entre 1969 e 1970.

No topo, estava a direção – o Comitê Central – compreendendo seus fundadores, Huey P. Newton, como Ministro da Defesa, e Bobby Seale, como Presidente, além do Ministro da Informação, Eldridge Cleaver, do Vice-Ministro da Informação, Frank Jones, e do Chefe do Staff, David Hilliard. O nível intermediário era constituído pelas seções estaduais, tais como as de Illinois, Maryland e Nova Iorque. Seus líderes eram escolhidos e, no caso de serem auto-indicados, eram confirmados pelo presidente Seale ou um representante da sede nacional. Os escritórios municipais representavam a base do BPP. Os membros que não ocupavam cargos de poder reportavam-se aos líderes locais ou de seção, dependendo da organização do Partido numa dada área geográfica (Taylor; Lewis, 1995; Holder, 1990), pois os padrões local e estadual de organização variavam de forma significativa de lugar para lugar.

Finalmente, os agentes comunitários eram membros da comunidade negra, que desejavam ser Panteras, mas não eram membros oficiais. Realizavam várias tarefas partidárias, como a venda do jornal, *The Black Panther*, atendimento nos programas de café da manhã gratuito e frequência aos cursos de educação política. Depois de 1969, ficou difícil distinguir o *status* dessas pessoas, daquele dos membros que não tinham posição de poder, uma vez que a infiltração da polícia fez com que o partido deixasse de aceitar novos membros.¹⁷

¹⁷ HOLDER. **The history of the Black Panther Party, 1966-1971**, p.6-26; Paul Coates, entrevistado pelo autor, Baltimore, MD, 10 de setembro de 1994; Sharon Harley, entrevista concedida ao autor, em College Park, MD, dia 7 de setembro de 1994. Vide a bibliografia das entrevistas do autor com membros do Partido. Essas entrevistas pessoais e semi-estruturadas tiveram a duração de uma a cinco horas. Em todas elas, o autor cobriu os seguintes tópicos: história pessoal e antecedentes, participação no Partido dos Panteras Negras, perseguição e repressão governamental ao BPP.

Vale registrar, que o mais proeminente Pantera, Huey P. Newton, não participou diretamente na construção do BPP nacional, tarefa levada a cabo pelos líderes nacionais Bobby Seale, Eldridge Cleaver, David Hilliard e por lideranças estaduais e locais em todo o país¹⁸. Isso se deveu ao fato de Newton ter sido preso sob acusação de assassinato de um policial em Oakland, em outubro de 1967, condenado por homicídio culposo, em setembro de 1968, só tendo sido libertado em agosto de 1970, depois que seus advogados apelaram e conseguiram um novo julgamento. Na prisão, Newton atuava no recrutamento de simpatizantes, enquanto lá fora sua vida era tema de uma campanha nacional e internacional, “Liberdade para Huey”. Entre os ativistas negros radicais, alcançou a condição de figura mítica, como um prisioneiro político capaz de enfrentar policiais brancos, racistas e perversos.

Apesar de toda a sorte de problemas¹⁹, os primeiros quatro anos do BPP foram os de maior sucesso em termos do crescimento do número de seções e filiações, de eficiência e prestígio. Visto por muitos afro-americanos como um grupo político radical e destemido, o BPP desafiava e chamava a atenção nacional e internacional para a brutalidade da polícia, para a pobreza, a desigualdade sócio-econômica e a guerra do Vietnam. O sucesso do Partido advinha fundamentalmente

¹⁸ Com Newton preso de 1967 a 1970, Cleaver fora do país depois de abril de 1968, Seale viajando freqüentemente, e entrando e saindo da prisão entre 1968 e 1971, Hilliard assumiu a liderança nacional do BPP, de 1968 a 1971. Falava com a imprensa em nome do Partido e dava orientação aos líderes de comitês no país. Os principais líderes (Newton, Seale e Cleaver) nunca puderam estar juntos para formular diretrizes depois de 1967. Assim, muitas decisões nacionais referentes à organização, finanças, representação legal, disciplina e filiações tornaram-se responsabilidade de Hilliard. Conforme entrevista concedida ao autor por David Hilliard, em 6 de agosto de 1997; por Audrea Jones, em 30 de outubro de 1994, em Rahway, NJ; e entrevista concedida por Coates.

¹⁹ Além da repressão letal e a necessidade constante de arrecadação de fundos para pagar honorários de advogados e programas do Partido, também havia o isolamento/rejeição do Pantera por parte da família e dos amigos, e a concorrência com outros grupos políticos.

de sua capacidade de inspirar a juventude e os jovens adultos afro-americanos a trabalhar pelo seu povo. Sharon Harley, membro da seção de Washington, DC, reflete sobre sua experiência:

Para mim era uma oportunidade de estar com gente que eu achava ligada, ou que era inteligente e politicamente safa... O pessoal estava a fim de correr risco em nome do seu povo. O povo, no caso, eram principalmente os pobres e negros, mas a gente também se identificava com os povos de cor no mundo inteiro que estavam lutando contra a opressão.²⁰

O Partido ganhava corações e mentes de muitos afro-americanos, impacientes com a aparente ênfase do movimento pelos direitos civis na mudança gradual e legislativa. (Pinkney, 1976, p.115-116). As patrulhas armadas, a experiência militar de Seale e de muitos outros membros e a retórica militante do Partido davam ao BPP uma imagem paramilitar e impunham o compromisso com a ação disciplinada. Embora cada seção tivesse uma cultura política distinta, todas as instancias organizacionais eram influenciadas pelos princípios de centralismo democrático e estrita disciplina, defendidos pelos fundadores do partido. De acordo com estes dois princípios, considerava-se a opinião dos membros em diversas questões, mas, uma vez tomadas as decisões, estas eram imediatamente implementadas, sem questionamentos²¹. Os Panteras se consideravam em guerra com um opressivo sistema político racista e capitalista, por isso, quando um membro violava as regras ou colocava em risco desnecessário a vida de um camarada, os líderes faziam uso de castigos corporais e outras formas de punição, para assegurar a disciplina. O presidente Seale, por exemplo, uma vez ordenou que um membro do partido fosse espancado, por ter estuprado uma mulher que também era da organização.²²

²⁰ Harley, entrevista.

²¹ Coates, entrevista; Jones, entrevista.

²² Seale, entrevista em 24 de setembro. Apesar de quase todos os Panteras entrevistados terem concordado que havia sexismo no BPP, suas opiniões divergiram quanto à extensão do problema. Vide entrevista de Elmer "Gerônimo" ji Jaga

CONFLITO INTRAPARTIDÁRIO: OS PRIMEIROS SINAIS DE DECLÍNIO

Durante a segunda fase (1971-1973), o BPP foi abalado por conflitos intrapartidários, cujas sementes foram plantadas após a saída de Newton da prisão, em agosto de 1970. Uma vez livre, Newton trabalhou para que Seale, também preso recentemente, recuperasse a liberdade e para fortalecer os programas de serviço comunitário. Nessa época, os dois principais líderes do Comitê Central divergiam cada vez mais em relação a estratégias e táticas. De um lado, Eldridge Cleaver, que do exílio na Argélia comandava a seção internacional do BPP, defendia a revolução violenta e a guerrilha urbana, não reconhecendo que a ênfase em ações militares isolava o partido da comunidade e, portanto, reforçava sua imagem de gangue de super-revolucionários. De outro, Newton, sentindo-se despreparado para tanto e sobrecarregado por uma organização nacional constituída, principalmente, em seu nome, buscava diminuir a ênfase na defesa armada e nos confrontos com a polícia. No final de 1970, viajou pelo país visitando as seções dos Panteras e falando em importantes eventos políticos, mas não inspirava as audiências como o faziam outros líderes - Cleaver, Seale, Hampton, de Chicago, e Cetewayo (Michael Tabor), de Nova Iorque²³. Como orador, Newton decepcionava seus seguidores, recorda David Hilliard, seu amigo de sempre:

Em encontros pequenos, Huey é fantástico, entusiasmado, intenso, engraçado. Mas, diante de grandes grupos, fica frio; a voz fica alta – o soprano que era causa de brigas na escola – e seu estilo endurece; fala como um acadêmi-

(Pratt) em Kleffner (1993, p. 14); vide BROWN, Elaine. **A taste of power**, para uma outra visão.

²³ HILLIARD, David.; COLE, Lewis. **This side of glory**: the autobiography of David Hilliard and the Story of the Black Panther Party. Boston: Little Brown and Company, 1993, p.302;313;318;321; PEARSON. **The shadow of the Panther**, p. 226-227.

co, sem parar, e se torna abstrato, desfiando uma contradição dialética atrás da outra.²⁴

As diferenças substantivas e de estilo entre Cleaver e Newton refletiam divisões mais profundas, que se manifestavam em conflitos entre a sede nacional e as seções estaduais. Um caso em questão foi o estremecimento entre Oakland e Nova Iorque, uma das maiores seções no país, com escritórios locais no Harlem, Brooklyn, Queens, Bronx e em outras partes do estado. Enquanto Newton estava preso, a seção do estado de Nova Iorque acumulou várias reclamações quanto à liderança nacional. Os nova-iorquinos presumiam que, com a saída de Newton da prisão, suas queixas seriam atendidas, mas, infelizmente, a libertação dele só veio a exacerbar as tensões. Os líderes de Nova Iorque tendiam a concordar com Cleaver que o Partido deveria enfatizar a ação militar, mas observavam que a falta de representação estadual no Comitê Central dificultava seus esforços locais de organização. Além disso, o nacionalismo afro-americano era muito forte entre os Panteras de Nova Iorque, que adotavam nomes africanos e a bandeira vermelha, preta e verde, simbolizando a Nação Negra, e freqüentemente participavam de eventos culturais negros. A sede nacional, por sua vez, afirmava a importância da classe sobre a raça e vivenciava inúmeros conflitos, às vezes fatais, com nacionalistas culturais negros²⁵. Por isso, proibiu os Panteras de Nova Iorque de trabalhar junto a esses setores.

Acrescentava-se a esses conflitos o fato de que os nova-iorquinos se ressentiam da pouca importância que a liderança nacional dava à organização local em torno de assuntos relativos à habitação e às drogas na comunidade negra, ao contrário do estímulo que imprimia ao café da manhã gratuito e às questões relacionadas a vestuário e

²⁴ HILLIARD; COLE Luis, **This side of glory**, 302.

²⁵ Sobre estes conflitos, vide o pequeno ensaio de um protagonista e líder nacionalista cultural negro, KARENKA, Maulana. **The Roots of the Us-Panther Conflict: the perverse and Deadly Games Police Play**. San Diego: Kawaida Publications, 1976.

saúde. Em resumo, os líderes de Nova Iorque sentiam que sua falta de representação no Comitê Central impedia que a liderança nacional considerasse mais e melhor as particularidades das condições locais.²⁶

Os desentendimentos quanto à distribuição de recursos materiais também estimularam os atritos dentro do Partido. Para operar seus programas, o BPP recebia fundos de várias fontes: grupos de advogados, organizações religiosas, organizações comunitárias e de indivíduos, assim como a liderança também angariava recursos através das conferências que proferia²⁷. Os Panteras recebiam, ainda, milhares de dólares de simpatizantes brancos ricos e, às vezes, famosos.²⁸

As seções estaduais tinham que contribuir para a sede nacional com uma certa percentagem das vendas do jornal do Partido e de outras fontes de renda, visando a manutenção da estrutura organizacional. Cada vez mais, membros do Partido se sentiam explorados pela sede - Nova Iorque, Illinois e outras seções preocupavam-se quando vinham à tona informes de que Newton e outros líderes nacionais moravam em apartamentos de cobertura e casas extravagantes. Diana Lin Tiatt, uma Pantera do Brooklyn, lembra que

Parecia que na Califórnia eles pegavam tudo. Não sei para onde o dinheiro estava indo. A gente mandava o dinheiro da venda do jornal. ... as pessoas nos davam suas contribuições... Eu pedia a uma porção de gente. Pedíamos a pessoas ricas e elas contribuía, na maioria das vezes com cheque ou qualquer coisa. Mandávamos tudo. Cada tostão... Aí descobrimos que o pessoal estava vivendo bem... alguns locais, mas a maioria era de californianos ... Comecei a escutar rumores de que eles viviam em coberturas... e todo tipo

²⁶ HOLDER. **The history of the Black Panther Party, 1966-1971**, p.259-261. Os Panteras de outros comitês reclamavam da natureza não representativa do Comitê Central. Sobre as reclamações dos Panteras de Nova Jersey, vide o **Newark Star-Ledger**, de 7 de agosto de 1969, p.7. Neste artigo, o líder Pantera, Carl Nichols, aponta que o Comitê Central era dominado pelos Panteras da Califórnia.

²⁷ Seale, **Seize the Time**, p.178-181.

²⁸ Lynn French, entrevistada pelo autor, em 27 de setembro de 1994, em Washington, DC; Jones, entrevista. Brown afirma que Bert Schneider, um produtor de cinema de Hollywood, contribuiu pessoalmente com grandes somas de dinheiro e garantiu a segurança do apartamento de cobertura, em Oakland, ocupado por Newton após sua prisão. (Brown, 1992, p. 209; 262-264)

de comentário. Isso faz você se sentir uma besta, quando você mesmo não tem nada... Ninguém me forçava a fazer nada daquilo. Eu contribuía de coração. E fiz tudo de coração. E ficava feliz de estar ali para fazer aquilo. Mas aí, as coisas começaram a desmoronar. E comentários, comentários e comentários.²⁹

Divergências intrapartidárias combinadas com a repressão do governo culminaram com o “racha” do Partido quando Newton, em nome do Comitê Central, expulsou vários líderes respeitados. No início de 1971, foram expulsos Geronimo ji Jaga, Connie Matthews, Michael “Cetewayo” Tabor e Dhoruba Moore, assim como todo o grupo Nova Iorque 21, depois de proclamados “inimigos do povo”³⁰. Eldridge e Kathleen Cleaver, entre outros, argumentavam que, como membros do Comitê Central, deveriam ter sido consultados sobre as expulsões, mas seus protestos não foram suficientes para revertê-las. Em 26 de fevereiro de 1971, Newton e Cleaver concordaram em conversar sobre as disputas internas do Partido, durante um programa local da televisão de São Francisco, no qual Cleaver falava, por telefone, da Argélia. Eles logo começaram a discutir e expulsaram um ao outro da organização, assim aprofundando a cisão que se prolongaria pelo resto do ano. As lideranças de Nova Iorque e vários outros membros do Partido espalhados pelo país alinharam-se à facção liderada por Cleaver.³¹

²⁹ Diana Lin Tiatt, entrevistada pelo autor, Nova Iorque, NY, 25 de setembro de 1994.

³⁰ O Nova Iorque 21 era constituído pelos mais importantes Panteras de Nova Iorque, indiciados e presos sob a alegação de conspiração com bomba, em 1969. Como o estado exigiu altíssimas somas para o pagamento da fiança, o grupo escreveu uma carta ao Comitê Central explicando a situação e pedindo assistência financeira urgente. A falta de uma pronta resposta ao pedido levou os nova-iorquinos a escreverem uma outra carta, desta vez buscando o apoio do Weathermen, um grupo político revolucionário clandestino, composto majoritariamente por brancos. Esta segunda carta foi a razão alegada para a expulsão dos líderes de Nova Iorque do BPP. **Vide Right On**, 3 de abril de 1971, 8 e Hilliard e Cole, p.320.

³¹ HOLDER. **The history of the Black Panther Party, 1966-1971**, p.275-277; Shakur, p. 230-233.

O conflito entre as duas facções atingiu o nível extremo quando Robert Webb, um Pantera da Costa Oeste que tomara partido de Cleaver, foi assassinado no dia 8 de março de 1971³². Seis semanas depois, em 17 de abril, Samuel Napler, Gerente de Distribuição do jornal *The Black Panther*, foi torturado e morto em Nova Iorque, supostamente em retaliação pela morte de Webb³³. Por serem ambos membros respeitados e bem quistos no Partido, a situação de guerra gerou um medo generalizado entre os Panteras, motivando várias pessoas a abandonar a organização³⁴. De acordo com Seale, aproximadamente trinta a quarenta por cento dos membros do BPP saíram em consequência desse conflito.³⁵

Conforme afirmam tanto ativistas quanto acadêmicos, o conflito intrapartidário foi patrocinado e instigado por órgãos do governo. Sem que Newton e Cleaver soubessem, desde 9 de março de 1970, o FBI vinha agindo para dividi-los, ao mesmo tempo em que conspirava para desmembrar permanentemente a seção de Nova Iorque da sede nacional. Anos mais tarde, em 1980, ao conduzir uma pesquisa para sua tese de doutorado, Newton refletiria sobre a tentativa bem sucedida do governo em dividir o Partido. Segundo ele, “*Durante três semanas inteiras uma avalanche de cartas anônimas fluíram dos escritórios do FBI. Os conteúdos iam ficando cada vez mais perversos*”³⁶. O comportamento de

³² **Right On**, 3 de abril de 1971, p.3.

³³ FLETCHER, Jim; TANAQUIL Jones; LOTRINGER, Sylvere (Eds.). **Still Black, Still Strong: survivors of the U.S. War against Black Revolutionaries**: Dhoruba Bem Wahad, Mumia Abu-Jamal, Assata Shakur (New York: Semiotext(e), 1993), 238-241.

³⁴ A título de exemplo, vide entrevista com Mumia Abu-Jamal, Kleffner, **The black panthers**, p.18-19.

³⁵ Seale, entrevistas concedidas em setembro. Vide nota 4 com relação à visão de Seale sobre a evolução das filiações ao Partido.

³⁶ NEWTON, Huey P.; **The war against the panthers: a study of repression in America**, Tese de (Doutorado) - Universidade da Califórnia em Santa Cruz, 1980, p.87. Nossa compreensão sobre o BPP irá aumentar à medida que mais Panteras escreverem suas memórias, e analisarem academicamente os Partido e o movimento do poder negro.

Newton foi claramente afetado pela guerra psicológica e pelas campanhas do governo (Pinkney, 1976, p.112-115), que prosseguiram até 1971, enfraquecendo a eficiência do Partido.

Em fins de 1971 e início de 1972, Newton e Seale recuperaram o controle do BPP, intensificando e expandindo seu envolvimento na comunidade negra. Os novos programas incluíam o Instituto Intercomunitário Juvenil Samuel Napier, transporte gratuito para visitas à prisão, roupas gratuitas e a Clínica de Saúde e Pesquisa Médica Gratuita George Jackson³⁷. Em agosto de 1971, os Panteras iniciaram um boicote à loja de bebidas alcoólicas de Bill Boyette, em Oakland, depois que o Cal-Pak, um grupo de comerciantes locais negros, recusou-se a dar dinheiro diretamente ao BPP para os programas de serviço comunitário. Na qualidade de presidente do Cal-Pak, Boyette concordava em apoiar os programas, mas se recusava a atender as pesadas exigências de doações em dinheiro, na ausência de mecanismos públicos de prestação de contas que assegurassem a destinação dos recursos para os programas³⁸. As novas atividades do Partido demonstravam o engajamento dos Panteras em questões comunitárias locais, mas também assinalavam a transformação política e ideológica, de revolucionária a reformista.

OS ERROS ORGANIZACIONAIS ESTRATÉGICOS: a eleição de 1973

Na tentativa de controlar a grande insatisfação das seções estaduais e aumentar o poder do BPP em Oakland, Newton apresentou duas idéias ao Comitê Central: (1) lançar a candidatura de Bobby Seale a Prefeito, liderando uma lista de Panteras candidatos a postos municipais; (2) fechar todos as seções do Partido fora de Oakland, trazendo

³⁷ PINKNEY, **Red, black and green**, p.112-115.

³⁸ O boicote só terminou com a intervenção do congressista Ronald Dellums, em janeiro de 1972. Coates, entrevista; Flores Forbes, entrevista concedida ao autor, Nova Iorque, NY, 25 de setembro de 1994; PEARSON, **The shadow of the Panther**, p.241-246.

para esta cidade todos os seus membros e recursos (dinheiro, carros, material de escritório etc.), para trabalhar na campanha e consolidar o Partido no lugar onde ele tinha surgido³⁹. O Comitê Central concordou com estas propostas que, mais tarde, se confirmariam como um erro estratégico que permitiu aumentar a concentração de poder nas mãos de Newton.

As propostas de Newton refletiam a mudança de seu pensamento sobre a natureza do poder. Na época da fundação do partido, Newton definia poder como a capacidade de se entender um fenômeno e fazê-lo agir da forma desejada. Ele e Seale relacionavam o poder ao uso da violência política, e assim adotaram para o BPP o credo de Mao Tsé Tung, segundo o qual “*o poder político emana do cano de uma arma de fogo*”. Mas, como resultado de seus estudos na época da prisão, a experiência com tiroteios fatais entre a polícia e os Panteras e a crise interna do partido, a definição original de poder adotada por Newton evoluiu para uma teoria de intercomunalismo⁴⁰. De acordo com essa nova postura, o Partido dispensava mais atenção às dimensões políticas e econômicas do poder e subtraía a ênfase inicial no militarismo.

Newton acreditava que, se o partido obtivesse o controle de Oakland, poderia promover um plano econômico ambicioso, que incluiria a transformação do porto da cidade em um local de ponta para a geração de lucros, com a promoção de negócios cujos donos fossem negros, e a implementação de novos programas de serviço social. O Comitê Central apoiou com entusiasmo a concentração do poder político em Oakland, mas ficou inicialmente dividido em relação à necessidade de dismantelar a organização nacional. Com base em argumentos estratégicos e táticos, o presidente Seale liderou a oposição, afirmando que o partido não podia e não devia fechar suas

³⁹ Seale, entrevistas em setembro; BROW, Elaine. **A taste of power**, p.276-285.

⁴⁰ Seale, entrevistas em setembro. Para uma discussão mais ampla sobre as visões de Newton, MACCARTNEY, John T. **Black power ideologies: An Essay in African American Political Thought**. Philadelphia: Temple University Press, 1992. p.133-150.

seções estaduais. Estrategicamente, ele não via necessidade de realizar este intento, porque o BPP já era forte em Oakland e tinha excelentes organizadores locais. Taticamente, o raciocínio de Seale era o de que a sede nacional não dispunha de recursos necessários (dinheiro, casas, apartamentos e empregos) para abrigar, de repente, mais de mil membros de outros lugares dos Estados Unidos. Mais importante ainda, o partido tinha compromissos organizacionais e programas de serviço em andamento por todo o país⁴¹. Um grande contingente de Panteras de fora da região da Baía de São Francisco tinha a mesma opinião de Seale, a exemplo de Audrea Jones, de Massachusetts, membro do Comitê Central e única mulher a liderar uma seção estadual:

O fechamento de todas as seções fora da Califórnia foi um grande erro. Acho que foi um grande erro. Era uma organização nacional com uma estrutura viável em comunidades. Acho que, por isso, as pessoas se sentiram abandonadas. Havia muito apoio para o Partido nos escritórios locais e nas seções. O pessoal tinha... se colocado como parte daquilo. Simplesmente fechar clínicas e acabar com os programas de café da manhã. Quer dizer, a idéia toda era organizar estas coisas na medida em que elas pudessem ser conquistadas. Mas o que fizeram foi deixar um buraco.⁴²

Depois de semanas de debate e negociação entre as diferentes posições dentro do Comitê Central, este chegou à decisão final de fechar, em caráter temporário, todas as seções, porém desativando-as gradativamente ao longo do ano de 1972, conforme a recomendação de Seale. Newton, antecipando a vitória eleitoral, argumentava que a participação no processo da campanha e na administração da cidade permitiria que os membros do Partido, no futuro, reproduzissem em suas cidades a experiência de conquista do poder local vivida em Oakland. Finalmente, Seale aceitou esta visão e se lançou no trabalho de organização política.⁴³

⁴¹ Seale, entrevistas em setembro; HILLIARD; COLE, **This side of glory**, p.326-329; Brown, **A taste of power**, p.276-281.

⁴² Entrevista concedida por Jones.

⁴³ Entrevista concedida por Seale em 24 de setembro.

Quando receberam a nova instrução do Comitê Central, muitos Panteras se recusaram a romper com suas raízes mudando para tão longe e simplesmente deixaram o Partido. Líderes das várias seções estaduais estavam apreensivos diante do fechamento de suas unidades, pois, além dos programas comunitários, eles tinham camaradas presos e em julgamento por várias acusações, que necessitavam assistência legal⁴⁴. Por outro lado, muitos ficaram contentes por poderem finalmente conhecer e trabalhar com todos os camaradas do partido no país, assim como se beneficiar do treinamento político e ideológico dado pela liderança nacional. Essa infusão de energia revigorou muitos programas de serviços comunitários na região da Baía de São Francisco. O lado negativo foi que alguns Panteras se decepcionaram com a limitação intelectual e a falta de preparo demonstrada por vários líderes nacionais nas aulas de educação política. Acrescia-se ao problema a pouca interação entre a maioria dos membros do Partido e seu líder principal, Huey P. Newton.⁴⁵

Durante 1972 e início de 1973, Panteras de todos os pontos do país convergiram para Oakland, para cadastrar eleitores, organizar e mobilizar a comunidade, distribuir panfletos, promover e participar de comícios e inúmeras reuniões de campanha⁴⁶. Apesar das boas chances das candidaturas de Seale, para Prefeito, e de Elaine Brown, para a Câmara Municipal, ambos perderam as eleições⁴⁷. O impacto da der-

⁴⁴ Entrevista concedida por COATES; HILLIARD; COLE, *This side of glory*, p.326-327. Algumas poucas seções estaduais tiveram a permissão para operar depois da ordem de fechamento. Por exemplo, o escritório de Illinois, em Chicago, e o escritório em Winston-Salem continuaram abertos.

⁴⁵ *"Agora, Huey, que é o professor, ou que deveria ser o professor, está ocupado escrevendo um livro... não pode descer até às massas. Então, estou frustrado com isto também. Huey nunca fez sentir sua presença em momento algum. Isto depois que saiu da cadeia. Na realidade, nunca se fez presente em meio às massas."* Entrevista concedida por Paul Coates, que liderava a seção de Maryland.

⁴⁶ Entrevista de JoNina Abron concedida ao autor em Oakland, CA, em 31 de outubro de 1986.

⁴⁷ Seale ficou em segundo lugar no primeiro turno. No segundo turno, conseguiu 43.719 votos, perdendo para o Prefeito John Reading, que conquistou 77.634 vo-

rota eleitoral foi devastador, pois o partido havia investido muito tempo e esforço nas campanhas. Pouco depois das eleições, muitos Panteras se desligaram do BPP, devido à decepção, à exaustão e à desilusão. As saídas representaram o começo do fim da segunda fase do BPP que, de acordo com Seale, tinha, então, quinhentos membros filiados.

No início, a organização havia angariado o apoio popular e o destaque nacional como um partido anti-sistema, que apoiava, seletivamente, políticos progressistas (como por exemplo, Ronald Dellums), apresentava candidaturas simbólicas (Newton para o Congresso, em 1968, enquanto estava preso), servia a comunidade negra e criticava sistematicamente a sociedade e a política americanas. Contudo, a participação formal nas eleições de 1973 foi um erro estratégico da liderança, porque drenou quase todos os recursos materiais e políticos do BPP o qual, a partir de então, nunca mais recuperou o tamanho, o prestígio e a eficácia. Os esforços futuros restringiram-se à região da baía de Oakland.⁴⁸

POLÍTICA AUTORITÁRIA: a derrocada final

As duas últimas fases da história do BPP (1973-77 e 1977-82) foram caracterizadas por um forte contraste entre as atividades construtivas do Partido e seu crescente autoritarismo, que se constituiu no terceiro fator em importância para o declínio do BPP⁴⁹. O autoritarismo tomou proporções substanciais após a derrota eleitoral de 1973,

tos. TAYLOR; LEWIS, p.123-124; BROWNING, Rufus P.; MARSHALL, Dale Rodgers; TABB, David H.; **Protest is not enough: The struggle of black and hispanics for equality in urban politics**. Berkeley: University of California Press, 1984. p.65;114; BUSH, Rod, (Ed.). **The new black vote: politics and power in our American cities**. San Francisco: Synthesis Publications, 1984, p.323-326.

⁴⁸ Entrevistas concedidas por Seale em setembro; entrevista concedida por Abron; entrevista concedida por Forbes em setembro.

⁴⁹ Autoritarismo entendido como um sistema de governar caracterizado por participação popular limitada, uso ilegítimo de violência e falta de respeito às liberdades básicas e aos direitos humanos.

pois a decisão de fechar todas as seções fora de Oakland não apenas reduziu o tamanho do BPP, como também transformou sua estrutura organizacional, centralizando-a em Newton. Durante a maior parte da primeira fase do Partido, os líderes regionais construíram seus próprios contatos e relações com vários simpatizantes institucionais e individuais. Conseqüentemente, apesar da baixa representatividade no Comitê Central, ainda mantinham sua autonomia, como resultado desses contatos e da distância geográfica da sede nacional. Depois de 1972, Newton exigiu que todo o dinheiro que entrasse no Partido lhe fosse encaminhado diretamente, já que lhe competiria alocar os fundos entre os programas relevantes⁵⁰. Os membros filiados aceitavam a centralização de dinheiro e poder, dada a veneração e, posteriormente, o medo que tinham do líder. Assim, num padrão de comportamento consistente com a teoria da elite, o líder dava passos claros para aumentar seu poder, e os membros da organização erravam por não impedirem a concentração de poder e recursos.

Ao contrário da primeira fase, em que os líderes determinavam punições pela violação de regras, nas subseqüentes, Newton agredia membros do Partido e observadores inocentes movido por seus próprios caprichos. Em geral, fatos desse tipo aconteciam em seu apartamento ou em algum estabelecimento de propriedade ou sob o controle de um Pantera. Dois deles ocorreram em agosto de 1974. No primeiro, Newton atirou em Kathleen Smith, uma prostituta que trabalhava nas ruas de Oakland, que o teria chamado de “*baby*”. O tiro comprometeu a coluna vertebral de Kathleen, provocou um coma e resultou em sua morte três meses depois. Menos de duas semanas mais tarde, em seu apartamento, um novo incidente. O alfaiate Preston Callins teria se oferecido para fazer alguns ternos para Newton, dando um desconto no preço. Durante a conversa, Callins, inocente-

⁵⁰Newton instituiu várias entidades corporativas para concentrar o dinheiro do BPP, mas também desviou verbas dos programas para patrocinar atividades pessoais. Entrevista concedida por Seale em 24 de setembro; PEARSON, **The shadow of the Panther**, p.236.

mente, tratou-o como “*baby*”, o que levou o Pantera a espancá-lo brutalmente, seguidas vezes⁵¹. O comportamento violento de Newton era parcialmente resultante do uso de drogas e álcool, exacerbado pelo seu *status* de celebridade lhe dava acesso regular a bebidas e a outras substâncias que consumia sem o menor constrangimento.⁵²

Outros abusos praticados durante essa fase eram de natureza organizacional. Em 1972, o Comitê Central tinha criado um quadro de segurança no Partido⁵³, com o objetivo original de proteger os líderes Panteras, especialmente os candidatos a cargos públicos. Além disso, Newton acreditava que, para consolidar o poder político em Oakland, o Partido teria que manter o controle total tanto das questões legais, quanto das ilegais. Isso incluía a regulamentação das atividades no submundo da cidade, onde os criminosos só entendiam a linguagem da violência. Assim, o quadro de segurança do Partido também passou a ser utilizado para forçar os grupos criminosos a pagarem à organização, em dinheiro, pelo direito de continuarem suas atividades⁵⁴. Aparentemente, apenas Newton tinha informação a respeito do alcance crescente das atividades e das múltiplas unidades organizacionais do partido, que incluíam ramificações políticas e extrapolíticas. Até Bobby Seale, co-fundador do BPP, desconhecia a extensão da dependência química de Newton, as extorsões a organizações criminosas, a apropriação indevida de fundos partidários e a violência contra camaradas da organização e membros da comunidade. O declínio do BPP foi acelerado, em 1974, com o desligamento de vários líderes: Seale desligou-se em 31 de julho desse ano, depois de

⁵¹ COLEMAN, Kate; AVERY, Paul. The party's over. **New Times: the feature News Magazine**, 10 jul., 1978. p.33-35.

⁵² PEARSON, **The shadow of the panther**, p.225; entrevista concedida por Forbes em setembro.

⁵³ Bobby Seale afirma que Newton havia criado o primeiro braço militar subversivo e de curta duração do Partido, enquanto na prisão entre 1967 e 1970. Entrevistas concedidas por Seale em setembro.

⁵⁴ Aparentemente, o objetivo original do BPP era o de eliminar estas atividades no futuro. Entrevista concedida por Forbes em setembro.

uma discussão séria com Newton⁵⁵, Audrea Jones e outros Panteras fizeram o mesmo pouco tempo depois.⁵⁶

Newton poderia ter causado a extinção do BPP naquela época, não tivesse ele se exilado em Cuba, em agosto de 1974, para evitar as acusações de delitos graves relacionadas ao assassinato de Kathleen Smith e a agressão a Preston Callins. Na sua ausência, Elaine Brown assumiu a liderança e conseguiu recuperar parte da respeitabilidade da organização. Brown nomeou mais mulheres para cargos no BPP, como Ericka Huggins, que dirigia a escola comunitária, Phyllis Jackson, Joan Kelley e Norma Armour, que tinham funções administrativas e financeiras⁵⁷. Nessa época, o partido, contando com menos de duzentos membros filiados, retomou suas raízes de organização local em Oakland e também assegurou o apoio governamental e privado para vários programas.

Em 1975, Brown participou de outra campanha para a Câmara Municipal de Oakland, terminando em segundo lugar, e no ano seguinte foi delegada do Governador da Califórnia, Jerry Brown, à Convenção Nacional do Partido Democrata⁵⁸. Sob seu comando, o BPP teve papel fundamental na eleição do primeiro prefeito negro de Oakland, o Juiz Lionel Wilson, em 1977. Paralelamente, no entanto, Brown dava continuidade às operações clandestinas violentas do BPP e recorria à prática dos castigos corporais para manter sua autoridade diante de seus camaradas.⁵⁹

⁵⁵ Elaine Brown argumenta que Newton também espancou Seale durante este incidente. BROWN, *A taste of power*, p.348-353. Em entrevista concedida por Seale a este autor, no dia 24 de setembro, o ex-Pantera negou que tivesse sido espancado por Newton.

⁵⁶ Entrevista concedida por Jones; e por Forbes, em setembro; HILLIARD; COLE, *This side of glory*, p.373-378.

⁵⁷ BROWN, *A taste of power*, p.408-412.

⁵⁸ COLEMAN. *The party's over*, p.35-36, 41.

⁵⁹ BROWN, *A taste of power*, p.368-371.

No último estágio do partido, Newton voltou aos Estados Unidos, enfrentando as acusações pelos seus delitos, das quais mais tarde foi absolvido. Em consequência, Brown, alegando falta de condições mentais e físicas, deixou o BPP. Após o retorno do líder, o quadro de segurança se envolveu ainda mais em atividades criminosas e o partido começou a perder o que ainda lhe restava de legitimidade⁶⁰. Durante esta fase, descobriram-se erros grosseiros no uso de doações governamentais ou privadas, sendo que, mais tarde, Newton foi condenado pela malversação de parte dos recursos. Assim, vários programas comunitários, iniciados no final dos anos 70, foram interrompidos; a última edição do *The Black Panther* foi publicada em 1980 e a escola fechou em 1982 (Taylor; Lewis, 1995, p.126-128).

CONCLUSÃO

O BPP emergiu numa época de grande atividade e entusiasmo políticos em face da percebida possibilidade de transformação social radical nos Estados Unidos. Através de seu trabalho, os Panteras contribuíram de forma significativa para tornar a sociedade americana mais democrática, igualitária e humana. Mais do que a maioria dos grupos políticos progressistas, o partido protestou contra e deu destaque à opressão patrocinada pelo governo dos Estados Unidos dentro e fora do país. Ainda que a revolução não tenha se realizado, importantes reformas foram conseguidas. O BPP liderou movimentos pelo fim da brutalidade policial e pela criação de conselhos civis de controle da ação da polícia, e seus programas de café da manhã gratuitos tornaram-se os catalisadores das refeições gratuitas hoje oferecidas a crianças pobres nas escolas.

A escalada do Partido foi rápida e dramática, a queda foi lenta e vergonhosa, mas sua experiência pode ser um guia para a nova gera-

⁶⁰ Em 23 de outubro de 1977, os seguranças tentaram assassinar Crystal Gray, a testemunha ocular do assassinato de Kathleen Smith, o que resultou na morte do Pantera Louis Johnson e no ferimento de um outro. (Coleman, 1978, p.22-47)

ção de ativistas negros. Os membros do Partido dos Panteras Negras eram ativistas comprometidos, que liam e estudavam a ampla literatura revolucionária, para entender e melhorar a condição de seu povo. Aplicavam os ensinamentos dos revolucionários europeus, asiáticos, africanos e latino-americanos à condição afro-americana, pois sua vocação era transformar a análise radical em programas práticos que afetassem a vida diária das massas negras. Os teóricos do Partido também recorriam aos escritos revolucionários dos fundadores dos Estados Unidos, especialmente à Declaração da Independência e à Constituição. Talvez sua mais importante influência tenha sido Malcolm X, pois, como ele, também os Panteras Negras almejavam o poder e a libertação “por quaisquer meios necessários”⁶¹. No entanto, como muitos revolucionários, os Panteras eram jovens, impacientes e cometeram erros.

A confluência de três fatores internos (o conflito intrapartidário, erros organizacionais estratégicos e a ascensão do autoritarismo no partido) contribuiu diretamente para a extinção do BPP. Como resultado dessas forças, o Partido desmantelou o aparato de sua estrutura nacional, concentrou os recursos restantes em uma única área geográfica e depositou a autoridade organizacional nas mãos de uma única pessoa.

A teoria da elite afirma que, usualmente, os líderes de organizações têm mais poder e influência do que os membros em geral, mas apesar disso, os membros filiados têm o dever de responsabilizar a liderança pelos princípios de uma organização. O declínio do BPP poderia ter sido evitado, se um sistema eficiente de democracia e de prestação de contas das ações tivesse sido instituído. A América negra frequentemente sofre com o fato de que em seus principais grupos e

⁶¹ SALES JR, William W., **From civil rights to black liberation: Malcolm X and the Organization of Afro-American Unity**. Boston: South End Press, 1994. p.180-181. Esse excelente livro enfatiza os problemas teóricos, ideológicos e organizacionais relacionados à política radical negra nos Estados Unidos.

organizações “Grandes Homens” têm adquirido um poder excessivo. A repressão governamental, o conflito intra-organizacional e os erros estratégicos, que tendem a ocorrer em movimentos sociais radicais, tornam-se mais prejudiciais quando associados à concentração desautorizada de poder em um ou poucos líderes. Essa mesma combinação de forças solapou o Partido dos Panteras Negras.

(Recebido para publicação em fevereiro de 2002)

(Aceito em junho/2002)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOYD, Herb. **Black Panthers: for beginners**. New York: Writes and Readers Publishing Inc., 1995.
- BROW, Elaine. **A taste of power: a black woman's story**. New York: Pantheon Books, 1992.
- BROWNING, Rufus P.; MARSHALL, Dale Rodgers; TABB, David H. **Protest is not enough: the struggle of black and hispanics for equality in urban politics**. Berkeley: University of California, 1984.
- BUSH, Rod (Ed.) **The new black vote: politics and power in four American cities**. San Francisco: Synthesis Publications, 1989.
- CARSON, Clayborne. Forward. **The Black Panthers Speak**. New York: Da Capo Press, 1995.
- CHURCHILL, Ward; WALL, Jim Vander. **Agents of repression: the FBI's secret wars against the Black Panther Party and the American Indian Movement**. Boston, Ma: South End Press, 1990. (Ed corrigida).
- CHURCHILL, Ward; WALL, Jim Vander. **The COINTELPRO papers: documents from the FBI's secret wars against dissent in the United States**. Boston: MA: South end Press, 1990.
- COLEMAN, Kate; AVERY, Paul. **The Feature News Magazine**, 10 jul., p.33-35,1978.
- DONNER, Frank. **Protectors of privilege: red squads and police repression in urban America**. Berkeley: University of California. Press, 1990.
- DYE, Thomas R. **Who's running America? The Bush era**. 5ed. Englewood, NJ: Prentice - Hall, 1990.
- DYE, Thomas R. ZEIGLER, Harmon. **The irony of democracy: an uncommon introduction to American politics**. Pacific Grove, CA: Brooks, 1990.
- FLETCHER, Jim; JONES, Tanquil; LOTRINGER, Sylvere (Eds.) **Still black, still strong: survivors of the U.S. war against black revolutionaries** - Dhoruba Bin Wahaid, Mumia Abu-Jamal, Assata Shakur, New York: Semiotex (e), 1993.
- FREEMAN, Jo (Ed.) **Social movements of the sixties and seventies**. New York: Longman, 1983.

- GARRY, Charles R. A survey of the persecution of the Black Panther Party. In: FONER, Philip S. (Ed.) **Blacks Panthers Speak**. New York: Da Capo Press, 1995.
- HILLIARD, David; COLE, Lewis. **This side of glory: the autobiography of David Hilliard and story of the Black Panther Party**. Boston: Little, Brown and Company, 1993.
- HOLDER, Kit Kim. **The history of the Black Panther Party, 1966 -1971, a Curriculum Tool for African American Studies**. Boston: 1990. Tese (Doutorado) – University of Massachusetts.
- KARENGA, Maulana. **The roots of the US – Panther Conflict: the perverse and Deadly Games Police Play**. San Diego: Kawaida Publications, 1976.
- KLEFFNER, Heike. The Black Panthers; interviews with Geronimo ji Jaga Pratt and Mumia Abu – Jamal. **Race & Class**, v.35, n.1, p.9-18, 1993.
- MACADAM, Dong. **Political process and the development of black insurgency, 1930-1970**. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.
- MACCARTNEY, John T. **Power ideologies: an essay in African American thought**. Philadelphia: Temple University Press, 1992.
- MICHELS, Robert. **Political parties: a sociological study of the oligarchical tendencies of modern de democracy**. New York: The Free, 1962.
- NEWTON, Huey P. **To die for the people**. New York: Writers and Readers Publishing, 1995.
- NEWTON, Huey P. **The war against the panthers: a study of repression in America – Tese (Doutorado) – Universidade da Califórnia em Santa Cruz**, 1980.
- O'REILLY, Kenneth. **Racial matters: the FBI's secret file on black America, 1960-1972**. New York: The Free Press, 1989.
- OBSERSCHALL, Anthony. **Social movements: ideologies, interests and identities**. New Brunswick: Transaction Publishers, 1993.
- PEARSON, Hugh. **The shadow of the panther: Huey Newton and the price of black power in America**. Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Company, 1994.
- PINKNEY, Alphonso. **Red, black and green: Black Nationalism in the United Stats**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- PINKNEY, ALPHONSO. **Manning marable, race, reform and rebellion: the second reconstruction in black America, 1945-1990**. 2.ed. Jackson: University of Mississippi, 1991.
- TAYLOR, Ula Y.; LEWIS, J. Tarika. Part. 1. The history. In: **PANTHER: a pictorial history of the black panthers and the story behind the film**. New York: New Market Press, 1995.

ANEXOS

Huey Newton fala ao The Movement sobre o Partido Pantera Negra, nacionalismo cultural, SNCC, liberais e revolucionários brancos

THE MOVEMENT: A questão do nacionalismo é uma questão vital no movimento negro hoje. Alguns fazem uma distinção entre nacionalismo cultural e nacionalismo revolucionário. Você gostaria de falar sobre as diferenças e nos dizer qual é a sua perspectiva?

HUEY P. NEWTON: Existem dois tipos de nacionalismo, o nacionalismo revolucionário e o nacionalismo reacionário. O nacionalismo revolucionário depende primeiramente de uma revolução popular que tenha como meta o povo no poder. Por isso, para ser um nacionalista revolucionário você teria necessariamente que ser um socialista. Se você é um nacionalista reacionário, você não é um socialista, e sua meta final é a opressão do povo.

O nacionalismo cultural, ou nacionalismo de costela de porco, como eu chamo às vezes, é basicamente um problema de ter a perspectiva política errada. Ele parece ser uma reação, ao invés de responder à opressão política. Os nacionalistas culturais estão preocupados em retornar à velha cultura africana e, com isso, reconquistar sua identidade e liberdade. Em muitos casos, os nacionalistas culturais se alinham com um nacionalismo reacionário.

Papa Doc, no Haiti, é um excelente exemplo de nacionalismo reacionário. Ele oprime o povo, mas promove a cultura africana. Ele é contra qualquer coisa que não seja negra, o que superficialmente parece muito bom, mas para ele é apenas uma maneira de enganar o povo. Ele só expulsou os racistas e os substituiu por ele mesmo como opressor. Muitos dos nacionalistas nesse país parecem desejar os mesmos objetivos.

O Partido Pantera Negra, que é um grupo revolucionário de pessoas negras, percebe que temos que ter uma identidade. Temos que perceber nossa herança negra para nos dar força de ir adiante e progredir. Mas quanto a retornar à velha cultura africana, é desnecessário e desvantajoso em muitos pontos. Acreditamos que a cultura por si mesma não vai nos liberar. Vamos precisar de coisas mais fortes.

Nacionalismo revolucionário

Um belo exemplo de nacionalismo revolucionário foi a revolução na Argélia, quando Ben Bella assumiu. Os franceses foram expulsos, mas foi uma revolução popular, porque o povo terminou no poder. Os líderes que assumiram não estavam interessados em razões de lucro, em que poderiam explorar o povo e mantê-lo num estado de escravidão. Eles nacionalizaram a indústria e semearam todos os lucros possíveis na comunidade. Em poucas palavras, disso que se trata no socialismo. Os representantes do povo exercem suas funções estritamente com a permissão do povo. A riqueza do país é controlada pelo povo e eles são consultados sempre que modificações nas indústrias são feitas.

O Partido Pantera Negra é um grupo nacionalista revolucionário e vemos uma contradição fundamental entre o capitalismo nesse país e os nossos interesses. Percebemos que esse país se tornou muito rico com a escravidão e que a escravidão é o capitalismo ao extremo. Nós temos dois males para combater: o capitalismo e o racismo. Devemos destruir tanto o racismo quanto o capitalismo.

MOVEMENT: A questão da unidade no interior da comunidade negra está diretamente relacionada com a questão do nacionalismo. Houveram algumas questões sobre isso, já que o Partido Pantera Negra lançou candidatos contra outros candidatos negros nas eleições recentes na Califórnia. Qual é a sua posição sobre isso?

HUEY: Bem, uma coisa muito peculiar aconteceu. Historicamente, tínhamos o que Malcolm X chamava de negro da plantação e negro da casa^[1]. O negro da casa tinha alguns privilégios, um pouco mais. Ele ganhava as roupas usadas do senhor e não tinha que trabalhar tanto quanto o negro da plantação. Ele chegou a respeitar o senhor a tal ponto que ele se identificava com o senhor, porque ganhava algumas das sobras que os negros da plantação não ganhavam. E, por ter essa identidade com ele, ele via os interesses do senhor de escravos como sendo os seus interesses. Em alguns momentos ele chegaria até a proteger o senhor de escravos mais do que ele protegia a si mesmo. Malcolm argumenta que se a casa do senhor pegasse fogo, o negro da casa trabalharia mais duro do que o senhor para apagar o fogo e salvar a casa do senhor, enquanto o negro da plantação, os negros da plantação, estavam rezando para que a casa queimasse por inteiro. O negro da casa se identificava tanto com o senhor que quando ele ficava doente, o negro da casa diria, “Senhor, tamos doentes!”

Burguesia negra

O Partido Pantera Negra são os negros da plantação, e estamos esperando que o senhor morra quando ele ficar doente. A burguesia negra parece estar agindo no papel do negro da casa. Eles são pró-administração. Eles gostariam que algumas concessões fossem feitas, mas na configuração geral, eles tem um pouco mais de bens materiais, um pouco mais de vantagens, um pouco mais de privilégios do que os pobretões negros; a classe inferior. E, assim, eles se identificam com a estrutura de poder e veem os seus interesses como os interesses da estrutura de poder. Na verdade, ela é contrária aos seus interesses.

O Partido Pantera Negra foi forçado a traçar uma linha de demarcação. Somos por todos aqueles que são pelo avanço do interesse dos negros pobres, que representam por volta de 98% dos negros aqui na América. Não somos controlados pelos radicais brancos desse país, nem somos controlados pela burguesia negra. Temos uma mente própria e se a burguesia negra não puder se alinhar com nosso programa inteiro, então a burguesia negra se coloca como nossa inimiga. E serão tratados e atacados como tais.

MOVEMENT: O Partido Pantera Negra teve um contato considerável com os radicais brancos desde seus primeiros dias. Qual é o papel desses radicais brancos, na sua perspectiva?

HUEY: Os radicais brancos desse país são a descendência dos filhos da besta que saqueou o mundo explorando todas as pessoas, se concentrando nas pessoas de cor. Eles são os filhos da besta que agora buscam se redimir, porque percebem que seus heróis anteriores, que eram senhores de escravos e assassinos, pregavam ideias que eram apenas fachadas para esconder a traição que infligiam no mundo. Eles estão virando as costas para seus pais.

O radical branco desse país, resistindo ao sistema, se torna de certo modo uma coisa abstrata, porque ele não é oprimido tanto quanto as pessoas negras são. Na verdade, a sua opressão é mais ou menos abstrata simplesmente porque ele não tem que viver em uma realidade de opressão.

O povo negro na América e as pessoas de cor em todo o mundo sofrem não apenas da exploração, mas sofrem também com o racismo. As pessoas negras aqui na América, a colônia negra, são oprimidas porque somos negros e somos explorados. Os brancos são rebeldes, muitos deles da classe média e quanto a qualquer opressão aberta, esse não é o caso. Então, eu chamo a sua rejeição do sistema de uma coisa mais ou menos abstrata. Eles estão procurando por novos heróis. Eles estão buscando limpar a hipocrisia que os seus pais deram ao mundo. Fazendo isso, eles veem as pessoas que estão realmente lutando por liberdade. Eles veem as pessoas que estão realmente defendendo a justiça e a igualdade e a paz por todo o mundo. Eles veem o povo do Vietnã, o povo da América Latina, o povo da Ásia, o povo da África e povo negro na colônia negra aqui na América.

Revolucionários brancos

Isso coloca mais ou menos um problema, de muitas maneiras, para o revolucionário negro, especialmente para o nacionalista cultural. O nacionalista cultural não entende os revolucionários brancos porque ele não pode ver porque uma pessoa branca se voltaria contra o sistema. Então, ele pensa que talvez isso seja mais hipocrisia sendo plantada pelas pessoas brancas.

Pessoalmente, penso que existem muitos jovens revolucionários brancos que são sinceros em sua tentativa de se realinhar com a humanidade e tornar realidade os altos padrões morais que seus pais e antepassados apenas exprimiram. Buscando novos heróis, os jovens revolucionários brancos encontraram os heróis na colônia negra no país e nas colônias em todo o mundo.

Os jovens revolucionários brancos levantaram a exigência para que as tropas se retirassem do Vietnã, tirassem as mãos da América Latina, se retirassem da República Dominicana e também se retirassem da comunidade negra ou da colônia negra. Então, você tem uma situação em que os jovens revolucionários brancos estão tentando se identificar com os povos oprimidos das colônias e contra o explorador.

O problema surge, então, no papel que eles podem assumir. Como eles podem ajudar a colônia? Como eles podem ajudar o Partido Pantera Negra ou qualquer outro grupo revolucionário? Eles podem ajudar os

revolucionários negros, em primeiro lugar, simplesmente se afastando da ordem atual, e, em segundo lugar, escolhendo seus amigos. Por exemplo, eles têm a escolha de serem ou amigos de Lyndon Barnes Johnson ou de Fidel Castro. Amigos de Robert Kennedy ou amigos de Ho Chi Minh. E esses são opostos diretos. Amigos meus ou amigos de Johnson. Depois que fizerem essa escolha, então os revolucionários brancos tem um dever e uma responsabilidade de agir.

O sistema imperialista ou capitalista ocupa regiões. Ele ocupa o Vietnã agora. Eles o ocupam mandando soldados para lá, mandando policiais para lá. Os policiais ou soldados são apenas uma arma na mão da ordem. Eles tornam o racista seguro no seu racismo. A arma na mão da ordem torna a ordem segura em sua exploração. O primeiro problema parece ser remover a arma da mão da ordem. Até pouco tempo atrás o radical branco não via razão para entrar em confronto com os policiais em sua própria comunidade. A razão pela qual eu disse até pouco tempo atrás é porque há atrito agora no país entre os jovens revolucionários brancos e a polícia. Porque agora os revolucionários brancos estão tentando colocar algumas das suas ideias em ação, e há tensão. Dizemos que isso deve ser uma coisa permanente.

Pessoas negras estão sendo oprimidas na colônia por policiais brancos, por racistas brancos. Estamos dizendo que eles devem se retirar. Percebemos que não é apenas o departamento policial de Oakland, mas as forças de segurança em geral. No dia 6 de abril não foi só o departamento de polícia de Oakland que emboscou os panteras. Foi o departamento de polícia de Oakland, o departamento de polícia de Emeryville e eu não me surpreenderia se houvessem mais outros. Quando os revolucionários brancos se mobilizaram para fechar o terminal do exército em outubro de 1965 não foi a polícia de Oakland por sua própria conta que tentou detê-los. Foram a polícia de Oakland, a polícia de Berkeley, a Patrulha Rodoviária, o Departamento do Xerife, e a guarda nacional estava a postos. Então, vemos que eles são todos parte de uma força de segurança para proteger o status quo; para garantir que as instituições consigam executar seus objetivos. Eles estão aqui para proteger o sistema.

No que me diz respeito, a única conclusão razoável seria primeiro perceber o inimigo, conceber um plano, e então quando alguma coisa acontecer na colônia negra – quando somos atacados e emboscados na colônia negra –, então os estudantes e intelectuais brancos revolucionários e todos os outros brancos que apoiam a

colônia deveriam responder nos defendendo, atacando o inimigo em suas comunidades. A cada vez que formos atacados em nossa comunidade, deve haver uma reação dos revolucionários brancos; eles devem responder nos defendendo, atacando parte das forças de segurança. Parte dessa força de segurança que está determinada a executar os objetivos racistas das instituições americanas. No que diz respeito ao nosso partido, o Partido Pantera Negra é um partido totalmente negro, porque pensamos, como Malcolm X pensava, que não pode haver unidade entre brancos e negros até que primeiro exista unidade entre os negros. Temos um problema na colônia negra que é particular à colônia, mas estamos dispostos a aceitar ajuda do país desde que os radicais desse país percebam que temos, como Eldridge Cleaver diz em *Soul on Ice*, uma mente própria. Reconquistamos nossa mente, que foi tirada de nós, e vamos decidir as posições políticas e práticas que vamos tomar. Nós vamos fazer a teoria e executar a prática. É dever do revolucionário branco nos ajudar nisso. Então, o papel do radical desse país, e ele tem um papel, é primeiro escolher seus amigos e seus inimigos, e, depois de fazer isso, coisa que parece que ele já fez, então ele tem que não só rearticular seus desejos para reconquistar seus padrões morais e se realinhar com a humanidade, mas também colocar isso em prática atacando os protetores das instituições.

MOVEMENT: Você falou bastante de lidar com os protetores do sistema, as forças armadas. Você gostaria de elaborar mais a razão pela qual você coloca tanta ênfase nisso?

HUEY: As razões pelas quais penso muito na questão de lidar com os protetores do sistema são simplesmente que sem essa proteção do exército, da polícia, dos militares, as instituições não poderia continuar com seu racismo e sua exploração. Por exemplo, quando os vietnamitas expulsam as tropas americanas imperialistas do Vietnã, eles automaticamente fazem com que as instituições racistas e imperialistas da América parem de oprimir esse país em particular. O país não pode implementar seu programa racista sem armas. E as armas são o exército e a polícia. Se os militares forem desarmados no Vietnã, então os vietnamitas serão vitoriosos.

Estamos na mesma situação aqui na América. Sempre que atacamos o sistema, a primeira coisa que os administradores fazem é mandar seus homens de armas. Se é uma greve pelo aluguel, por causa das habitações indecentes que temos, eles vão mandar a polícia para jogar os móveis pela janela. Eles mesmos não vêm. Eles

mandam seus protetores. Então, para lidar com o explorador corrupto você vai ter que lidar com seu protetor, que é a polícia que recebe ordens dele. Isso é uma necessidade.

MOVEMENT: Você gostaria de ser mais específico em relação às condições que devem existir antes de uma aliança ou coalizão possa ser formada com grupos predominantemente brancos? Você poderia comentar em especial a sua aliança com o Partido da Paz e Liberdade na Califórnia?

HUEY: Temos uma aliança com o Partido da Paz e da Liberdade. O Partido da Paz e da Liberdade apoiou nosso programa integralmente e esse é o critério para uma coalizão com o grupo revolucionário negro. Se eles não tivessem apoiado integralmente nosso programa, então não veríamos nenhuma razão para fazer uma aliança com eles, porque somos a realidade da opressão. Eles não são. Eles são apenas oprimidos de uma maneira abstrata; somos oprimidos de uma maneira real. Nós somos os verdadeiros escravos! Então, esse é um problema pelo qual passamos mais do que qualquer um, e é nosso problema de libertação. Assim, deveríamos decidir que medidas e que ferramentas e que programas usar para nos libertar. Muitos dos jovens revolucionários brancos percebem isso e eu não vejo razão para não ter uma coalizão com eles.

MOVEMENT: Outros grupos negros parecem sentir que por suas experiências passadas é impossível para eles trabalhar com brancos e é impossível formar alianças. Quais razões você vê para isso e você pensa que a história do Partido Pantera Negra torna esse um problema menor?

SNCC e liberais

HUEY: Sempre houve uma espécie de relação doentia no passado com os liberais brancos apoiando as pessoas negras que estavam tentando conquistar sua liberdade. Eu os chamo de liberais brancos porque eles são muito diferentes dos radicais brancos. A relação era que os brancos controlaram o SNCC[2] por muito tempo. Desde o início do SNCC até recentemente, eles eram a mente do SNCC. Eles controlavam o programa do SNCC com dinheiro e eles controlavam a ideologia, ou as posições que o SNCC iria tomar. Os negros no SNCC eram completamente controlados programaticamente; eles não podiam fazer mais do que o que esses liberais brancos queriam que eles fizessem, o que não era muito. Então, os liberais brancos não estavam trabalhando

pela autodeterminação da comunidade negra. Eles estavam interessados em algumas concessões de uma estrutura de poder. Eles sabotaram o programa do SNCC.

Stokely Carmichael chegou e, percebendo isso, começou a seguir o programa de Malcolm X para o Poder Negro. Isso assustou muitos dos liberais brancos que estavam apoiando o SNCC. Os brancos tiveram medo quando Stokely veio com o Poder Negro e disse que as pessoas negras tinham uma mente própria e que o SNCC seria uma organização totalmente negra e que o SNCC buscaria a autodeterminação para a comunidade negra. Os liberais brancos retiraram seu apoio, deixando a organização financeiramente quebrada. Os negros que estavam na organização, Stokely e H. Rap Brown, ficaram com muita raiva dos liberais brancos que os estavam ajudando sob a aparência de serem sinceros. Eles não eram sinceros.

O resultado foi que a liderança do SNCC se afastou dos liberais brancos, o que foi muito bom. Eu não penso que eles distinguiram o liberal branco e o revolucionário branco, porque o revolucionário branco também é branco e eles tem muito medo de ter qualquer contato com pessoas brancas. Até mesmo ao ponto de negar que os revolucionários brancos poderiam dar apoio, apoiando os programas do SNCC no país. Não fazendo programas, não sendo um membro da organização, mas simplesmente resistindo. Da mesma maneira que o povo vietnamita percebe que eles são apoiados sempre que outros povos oprimidos pelo mundo resistem. Porque isso ajuda a dividir as tropas. Isso drena o país militar e economicamente. Se os radicais desse país são sinceros, então isso definitivamente se somaria ao ataque que estamos fazendo à estrutura de poder. O programa do Partido Pantera Negra é um programa em que reconhecemos que uma revolução no país definitivamente nos ajudaria e tem tudo a ver com nossa luta!

Odeie o opressor

Penso que um dos maiores problemas do SNCC é que eles eram controlados pelo administrador tradicional: o administrador onipotente, a pessoa branca. Ele era a mente do SNCC. E então o SNCC reconquistou sua mente, mas acredito que ele perdeu sua perspectiva política. Penso que isso foi uma reação mais do que uma resposta. O Partido Pantera Negra NUNCA foi controlado por pessoas brancas. O Partido Pantera Negra sempre foi um grupo negro. Sempre tivemos uma integração de mente e corpo. Nunca fomos controlados por brancos, e, portanto, não tememos os radicais brancos desse país. Nossa aliança é a dos grupos organizados

negros com os grupos organizados brancos. Logo que os grupos organizados brancos deixem de fazer as coisas que nos beneficiariam em nossa luta pela libertação, esse será nosso ponto de afastamento. Então, não sofremos com o complexo de cor de pele. Não odiamos pessoas brancas; odiamos o opressor. E se acontece de o opressor ser branco, o odiamos. Quando ele deixa de nos oprimir, não o odiamos mais. E nesse momento, na América, os senhores de escravos são um grupo branco. Estamos os expulsando do cargo com a revolução nesse país. Penso que a responsabilidade do revolucionário branco será nos ajudar nisso. E quanto somos atacados pela polícia ou pelos militares, então cabe ao revolucionário branco desse país atacar os assassinos e responder como respondemos, seguir nosso programa.

Senhores de escravos

MOVEMENT: Você aponta que existe um processo psicológico que existe historicamente nas relações entre brancos e negros nos EUA, e que ele deve mudar no correr da luta revolucionária. Gostaria de falar sobre isso?

HUEY: Sim. A relação histórica entre o negro e o branco aqui na América foi a relação entre o escravo e o senhor; o senhor sendo a mente e o escravo o corpo. O escravo executaria as ordens que a mente exigia que ele executasse. Fazendo isso, o senhor roubava a virilidade [manhood] do escravo, porque arrancava sua mente. Ele arrancava as mentes das pessoas negras. No processo, o senhor de escravos arrancava sei próprio corpo de si mesmo. Como Eldrige diz, o senhor de escravos se torna um administrador onipotente e o escravo se torna o servo supermasculino. Isso coloca o administrador onipotente na posição de controle ou no cargo principal, e o servo supermasculino na plantação.

Toda a relação se desenvolveu de modo que o administrador onipotente e o servo supermasculino se tornam opostos. O escravo sendo um corpo muito forte fazendo todas as coisas práticas, todo o trabalho se torna bastante masculino. O administrador onipotente, no processo de remover a si mesmo de todas as funções corpóreas, percebe mais tarde que ele se emasculou. E isso é muito perturbador para ele. Então, o escravo perdeu a sua mente e o senhor de escravos seu corpo.

Inveja do pênis

Isso fez com que o senhor de escravos tivesse muita inveja do escravo, porque ele imaginava o escravo como sendo mais homem, sendo sexualmente superior, porque o pênis é parte do corpo. O administrador onipotente baixou um decreto quando percebeu que seu plano para escravizar o homem negro tinha uma falha, quando descobriu que ele havia emasculado a si mesmo. Ele tentou atar o pênis do escravo. Ele tentou mostrar que o seu pênis poderia alcançar mais longe do que o do servo supermasculino. Ele disse “eu, o administrador onipotente, posso ter acesso à mulher negra”. O servo supermasculino então, teve uma atração psicológica pela mulher branca (a esquisita ultrafeminina) pela simples razão de que ela era fruto proibido. O administrador onipotente decretou que esse tipo de contato seria punido com a morte. Ao mesmo tempo, para reforçar seu desejo sexual, para confirmar sua virilidade, ele iria as quartos dos escravos e teria relações sexuais com a mulher negra (a amazona autossuficiente). Não para se satisfazer, mas simplesmente para confirmar sua virilidade. Porque se ele conseguisse satisfazer a amazona autossuficiente, então ele estaria certo de que ele era um homem. Porque ele não tem um corpo, ele não tem um pênis, ele quer castrar psicologicamente o homem negro. O escravo estava constantemente buscando a unidade consigo mesmo: uma mente e um corpo. Ele sempre quis poder decidir, ganhar o respeito de sua mulher. Porque a mulher deseja alguém que possa controlar. Eu faço essa imagem para olharmos para o quadro geral do que está acontecendo agora. A estrutura do poder branco hoje na América se define como a mente. Eles querem o controle do mundo. Eles vão e saqueiam o mundo. Eles são os policiais do mundo, exercendo o controle especialmente em relação às pessoas de cor.

Re-capturar a mente

O homem branco não pode conquistar sua virilidade, não pode se unir com o corpo, porque o corpo é negro. O corpo simboliza a escravidão e a força. É uma coisa biológica da maneira como ele vê. O escravo está em uma situação muito mais vantajosa, porque não ser um homem integral sempre foi encarado como uma coisa psicológica. E é sempre mais fácil fazer uma transição psicológica do que uma biológica. Se ele conseguir recapturar sua mente, recapturar seus culhões, então ele vai perder todo o medo e será livre para determinar seu destino. É isso o que está acontecendo nesse momento com a rebelião dos povos oprimidos do mundo contra o controlador. Eles estão reconquistando sua mente, e estão dizendo que têm uma mente própria. Estão

dizendo que querem liberdade para determinar o destino de nosso povo, unindo, assim, a mente e seus corpos. Eles estão pegando de volta a mente do administrador onipotente, o controlador, o explorador.

Na América, as pessoas negras também estão dizendo que têm uma mente própria. Temos que ter a liberdade de determinar nossos destinos. É uma coisa quase espiritual, essa unidade, essa harmonia. Essa unidade da mente e do corpo, essa unidade do homem consigo mesmo. Algumas palavras de ordem do Presidente Mao, eu acho, demonstram essa teoria de unir a mente com o corpo no homem. Um exemplo é seu chamado para que os intelectuais fossem ao campo. Os camponeses no campo são todos corpos; eles são trabalhadores. E ele mandou os intelectuais para lá porque a ditadura do proletariado não tem lugar para o administrador onipotente; não tem lugar para o explorador. Então, por isso, ele deve ir para o campo para reconquistar seu corpo; ele deve trabalhar. E realmente se faz um favor a ele, porque as pessoas o forçam a unir sua mente e seu corpo colocando os dois para trabalhar. E ao mesmo tempo, o intelectual ensina às pessoas ideologia política, ele as educa, unindo assim a mente e o corpo no camponês.

O guerrilheiro

MOVEMENT: Você mencionou em outro momento que o guerrilheiro era o homem perfeito, e esse tipo de formulação parece se encaixar diretamente com o guerrilheiro como homem político. Gostaria de falar sobre isso?

HUEY: Sim. O guerrilheiro é um homem bastante singular. Isso se opõe às teorias marxistas-leninistas ortodoxas em que o partido controla o exército. O guerrilheiro não é apenas o guerreiro, o combatente militar; ele é também tanto o comandante militar quanto o teórico político. Debray diz “pobre da caneta sem as armas, pobres das armas sem a caneta”. A caneta sendo só uma extensão da mente, uma ferramenta para escrever conceitos, ideias. A arma é só uma extensão do corpo, a extensão de nossas presas que perdemos na evolução. Ela é a arma, as garras que perdemos, ela é o corpo. O guerrilheiro é o comandante militar e o teórico político, todos em um só.

Na Bolívia, Che disse que ele teve muito pouca ajuda do Partido Comunista de lá. O Partido Comunista queria ser a mente, o Partido Comunista queria o controle total da atividade guerrilheira. Mas ainda assim, não estavam tomando parte no trabalho prático das guerrilhas. O guerrilheiro, por outro lado, não apenas está unido com ele mesmo, mas ele também tenta difundir isso pelo povo educando os camponeses, dando uma perspectiva política a eles, apontando coisas, os educando politicamente, e armando o povo. Portanto, o guerrilheiro está dando as camponeses e trabalhadores uma mente. Porque eles já têm o corpo, e você tem uma unidade da mente e do corpo. As pessoas negras aqui na América, que por muito tempo tem sido trabalhadoras, reconquistaram suas mentes, e agora temos uma unidade da mente e do corpo.

MOVEMENT: Você estaria disposto a estender essa fórmula nos termos dos radicais brancos; a dizer que uma das suas lutas hoje é para reconquistar seus corpos?

HUEY: Sim. Achei que tinha deixado isso claro. O radical branco desse país, ao se tornar um ativista, está tentando reconquistar seu corpo. Sendo um ativista e não o teórico tradicional que determina um plano, como o Partido Comunista tem tentado fazer desde muito tempo, o radical branco desse país está reconquistando seu corpo. A resistência dos radicais brancos em Berkeley durante as últimas três noites é uma boa indicação de que os radicais brancos estão no caminho certo. Eles identificaram seus inimigos. Os radicais brancos integraram a teoria e a prática. Eles perceberam que o sistema americano é o verdadeiro inimigo, mas para atacar o sistema americano eles precisam atacar o policial comum. Para atacar o sistema educacional, eles precisam atacar o professor comum. Assim como o povo vietnamita, para atacar o sistema americano, deve atacar o soldado comum. Os radicais brancos desse país agora estão reconquistando seus corpos e eles estão também reconhecendo que o homem negro tem uma mente e que ele é um homem.

MOVEMENT: Você gostaria de comentar sobre como essa compreensão psicológica nos ajuda na luta revolucionária?

HUEY: Você pode ver que, até recentemente, em suas declarações as pessoas negras que não haviam sido esclarecidas [enlightened] definiram o homem branco chamando-o de “o HOMEM”. “O Homem” está tomando a decisão, “O Homem” isso, “O Homem” aquilo. A mulher negra achava difícil respeitar o homem

negro porque ele nem mesmo se definia como homem! Porque ele não tinha uma mente, porque quem a capacidade de tomar decisões estava fora dele. Mas o grupo de vanguarda, o Partido Pantera Negra, juntamente com todos os grupos negros revolucionários, reconquistou nossas mentes e nossa virilidade. Assim, não definimos mais o administrador onipotente como “o Homem”, ou a autoridade como “o HOMEM”. Na verdade, o administrador onipotente, junto com todos os seus agentes de segurança, é menos do que um homem, porque NÓS os definimos como porcos! Eu acho que essa é uma coisa por si mesma revolucionária. Isso é poder político. Isso é o próprio poder. Na verdade, o que é o poder além da habilidade de definir os fenômenos e então fazê-los agir de uma determinada maneira? Quando as pessoas negras começam a definir as coisas e a fazer com que elas ajam da maneira desejada, então chamamos isso Poder Negro!

MOVEMENT: Você gostaria de falar mais sobre o que você quer dizer com Poder Negro?

HUEY: O Poder Negro é, na realidade, o poder do povo. O Programa Pantera Negra, o Poder Pantera, como chamamos, vai implementar esse poder do povo. Respeitamos toda a humanidade e pensamos que as pessoas devem controlar e determinar seus destinos. Elimine o controlador. Ter Poder Negro não humilha ou subjuga ninguém à escravidão ou à opressão. Poder Negro é dar poder às pessoas que não tiveram o poder de determinar seu destino. Defendemos e ajudamos qualquer pessoa que estiver lutando para determinar seu destino. E isso independentemente da cor. Os vietnamitas dizem que o Vietnã deve poder determinar seu próprio destino. Poder do povo vietnamita. Também gritamos pelo poder do povo vietnamita. Os latinos estão falando de América Latina para os latino-americanos. Cuba si, Yanqui no. Não é que eles não queiram que os ianques não tenham nenhum poder, eles só não querem que os ianques não tenham poder sobre eles. Eles poder ter poder sobre eles mesmos. Nós na colônia negra na América queremos poder ter poder sobre nossos próprios destinos, e isso é poder negro.

MOVEMENT: Muitos radicais brancos são românticos em relação ao que Che disse: “na revolução, ou se ganha ou se morre”. Para muitos de nós, essa é uma questão abstrata ou teórica. Para você é uma questão real e gostaríamos que você falasse um pouco sobre o que pensa sobre isso.

HUEY: Sim. O revolucionário não enxerga compromissos. Não vamos fazer acordos porque o problema é muito básico. Se transigimos uma vírgula, vamos estar vendendo nossa liberdade. Estaremos vendendo a revolução. E nos recusamos a continuar escravos. Como Eldridge diz em *Soul on Ice*, “um escravo que morre de causas naturais não irá mover duas moscas mortas na balança da eternidade”. No que nos diz respeito, preferimos estar mortos a continuar na escravidão em que estamos. Uma vez que fazemos acordos, não estamos fazendo acordos apenas com nossa liberdade, mas também com nossa humanidade. Percebemos que estamos indo contra um país altamente tecnológico, e percebemos que eles não são apenas tigres de papel, como Mao diz, mas tigres reais, porque eles têm a capacidade de chacinar muitas pessoas. Mas a longo prazo, eles se mostrarão tigres de papel, porque não estão alinhados com a humanidade; eles estão divorciados do povo. Sabemos que nosso inimigo é muito poderoso e que nossa humanidade está em jogo, mas sentimos que é necessário sermos vitoriosos para nos reconquistar, reconquistar nossa humanidade. E esse é o ponto fundamental. Então, ou nós fazemos isso ou não teremos liberdade alguma. Ou vencemos ou vamos morrer tentando vencer.

O estado de espírito do povo negro

MOVEMENT: Como você caracterizaria o estado de espírito das pessoas negras na América hoje? Elas estão desencantadas, esperando uma fatia maior do bolo, ou excluídas, não querendo se integrar em uma casa em chamas, não querendo se integrar na Babilônia? O que você pensa que será preciso para que elas se tornem excluídas e revolucionárias?

HUEY: Eu ia dizer desiludidas, mas não penso que em algum momento tivemos a ilusão de que tínhamos liberdade nesse país. Essa sociedade é definitivamente uma sociedade decadente e percebemos isso. As pessoas negras estão percebendo cada vez mais. Não podemos conquistar nossa liberdade no sistema atual; o sistema que está executando seus planos de racismo institucionalizado. A sua questão é o que teremos que fazer para estimulá-las para a revolução. Eu penso que isso já está sendo feito. É uma questão de tempo para nós, agora, educá-las em relação a um programa a mostrar a elas o caminho para a libertação. O Partido Pantera Negra é o farol de luz que aponta para as pessoas negras o caminho para a libertação.

Vocês noticiam as insurreições que têm acontecido por todo o país, em Watts, Newark, Detroit. Elas foram todas respostas do povo exigindo que tenham a liberdade de determinar seu destino, rejeitando a exploração.

Agora, o Partido Pantera Negra não pensa que as revoltas ou insurreições tradicionais que aconteceram sejam a resposta. É verdade que elas são contra a ordem, que elas foram contra a ordem e a opressão em suas comunidades, mas elas eram desorganizadas. No entanto, as pessoas negras aprenderam com cada uma dessas insurreições.

Elas aprenderam com Watts. Estou certo de que as pessoas em Detroit foram educadas pelo que aconteceu em Watts. Talvez essa tenha sido a educação errada. Ela meio que errou o alvo. Não era bem a atividade correta, mas o povo foi educado pela atividade. O povo de Detroit seguiu o exemplo do povo de Watts, eles só adicionaram um exame cuidadoso a ele. O povo de Detroit aprendeu que o caminho para causar danos à administração é fazer coquetéis molotov e ir às ruas em grande número. Então, isso foi um caso de aprendizado. A palavra de ordem era “Burn, baby, burn”. As pessoas foram educadas pela atividade e ela se espalhou pelo país. As pessoas foram ensinadas a resistir, mas talvez de maneira incorreta.

Educar pela atividade

O que temos que fazer como uma vanguarda da revolução, é corrigir isso pela atividade. A grande maioria de pessoas negras são ou analfabetas ou semianalfabetas. Elas não leem. Elas precisam de uma atividade para seguir. E isso é verdade de qualquer povo colonizado. A mesma coisa aconteceu em Cuba, em que foi preciso que doze homens com a liderança de Che e Fidel fossem para as montanhas e então atacassem a administração corrupta; para atacar o exército que eram os protetores e exploradores de Cuba. Eles poderiam ter panfletado na comunidade e poderiam ter escrito livros, mas as pessoas não responderiam. Eles tiveram que agir e as pessoas puderam ver e ouvir sobre isso e assim se educaram sobre como responder à opressão.

Nesse país, os revolucionários negros têm que dar um exemplo. Não podemos fazer as mesmas coisas que foram feitas em Cuba, porque Cuba é Cuba e os EUA são os EUA. Cuba tem muitos territórios para proteger a guerrilha. Esse país é fundamentalmente urbano. Temos que pensar em novas soluções para compensar o poder da tecnologia e da comunicação desse país; a sua habilidade de se comunicar muito rapidamente por telefones e telégrafos, e por aí vai. Temos soluções para esses problemas, e elas serão colocadas em uso. E não quero entrar nos detalhes disso, mas vamos educar pela ação. E temos que nos engajar na ação para fazer com

que o povo leia nossa literatura. Porque ele não é de modo algum atraído pelas leituras nesse país; há leitura demais. Muitos livros deixam uma pessoa cansada.

Ameaça dos reformadores

MOVEMENT: Kennedy, antes da sua morte, e em menor grau Rockefeller e Lindsay e outros liberais da ordem, têm falado de reformar para dar ao povo negro uma fatia maior do bolo e, com isso, parar qualquer movimento revolucionário em desenvolvimento. Gostaria de falar sobre isso?

HUEY: Eu diria o seguinte: se um Kennedy ou Lindsay ou qualquer outro pudesse dar moradias decentes para o nosso povo, se ele pudesse dar pleno emprego para o nosso povo com um alto padrão, se ele pudesse dar total controle ao povo negro para determinar o destino de sua comunidade, se ele pudesse dar julgamentos justos no sistema legal entregando a estrutura para a comunidade, se ele pudesse dar um fim à exploração das pessoas por todo o mundo, se ele pudesse fazer todas essas coisas, então eles já teriam resolvido os problemas. Mas eu não acredito que no sistema atual, no capitalismo, eles possam resolver esses problemas.

As pessoas devem ter o controle

Eu não acho que as pessoas negras devam ser enganadas pelas suas falações, porque todos os que assumem um cargo prometem a mesma coisa. Eles prometem pleno emprego, moradias decentes, a Grande Sociedade, a Nova Fronteira. Todos esses nomes, mas nenhum ganho real. Nenhum efeito é sentido na comunidade negra, e as pessoas negras estão cansadas de se decepcionarem e serem enganadas. O povo deve ter o controle total dos meios de produção. Pequenos negócios negros não podem competir com a General Motors. Isso está fora de questão. A General Motors nos roubou e explorou a troco de nada por séculos e pegou nosso dinheiro e montou fábricas e se tornou gorda e rica e então fala em nos dar algumas migalhas. Queremos controle total. Não estamos interessados em ninguém prometendo que os proprietários privados vão de repente se tornar seres humanos e dar essas coisas para nossa comunidade. Isso nunca aconteceu e, baseado em evidências empíricas, não esperamos que eles se tornem budistas da noite pro dia.

MOVEMENT: Colocamos essa questão não porque pensamos que essas reformas são possíveis, mas para expor suas ideias sobre os efeitos que essas tentativas de reforma podem ter no desenvolvimento da luta revolucionária.

HUEY: Penso que as reformas não colocam nenhuma ameaça real. A revolução sempre esteve nas mãos dos jovens. Os jovens sempre herdaram a revolução. A população jovem está crescendo em um ritmo muito rápido e eles estão muito incomodados com as autoridades. Eles querem o controle. Duvido que no atual sistema possa ser lançado qualquer tipo de programa que consiga comprar todos esses jovens. Eles não conseguiram fazer isso com o programa para a pobreza, a grande sociedade, etc. Esse país nunca conseguiu empregar todo o seu povo simplesmente porque ele está interessado demais na propriedade privada e no lucro. Um programa para a pobreza maior é simplesmente o que ele diz ser, um programa para manter as pessoas na pobreza. Então, não penso que exista uma ameaça real das reformas.

MOVEMENT: Gostaria de dizer alguma coisa sobre a organização dos Panteras, especialmente em termos de juventude?

HUEY: Os Panteras representam uma seção transversal da comunidade negra. Temos pessoas mais velhas, assim como pessoas mais novas. As pessoas mais novas, é claro, são as que são vistas nas ruas. Elas são os ativistas. Elas são a verdadeira vanguarda da mudança, porque elas não foram doutrinadas e não foram submetidas. Elas não foram forçadas a entrar na linha [beaten into line] como algumas pessoas mais velhas foram. Mas muitas das pessoas mais velhas percebem que estamos travando uma luta justa contra o opressor. Elas estão nos ajudando e estão assumindo uma parte no programa.

Prisão

MOVEMENT: Nos conte alguma coisa sobre as suas relações com os prisioneiros nas prisões.

HUEY: Os prisioneiros negros, assim como muitos prisioneiros brancos, se identificam com o programa dos Panteras. É claro que pela sua própria natureza como prisioneiros eles podem ver a opressão e eles sofreram nas mãos da Gestapo. Eles reagiram contra isso. Os prisioneiros negros todos se uniram aos Panteras, mais ou

menos 95% deles. Agora, a cadeia é toda de Panteras e a polícia está muito preocupada com isso. Os prisioneiros brancos podem se identificar conosco porque eles percebem que não estão no controle. Eles percebem que tem alguém que os controla e ao resto do mundo com armas. Eles querem algum controle sobre as suas vidas também. Os Panteras na prisão estão educando eles e então vamos construir uma revolução no interior das prisões.

MOVEMENT: Qual foi o efeito dos atos for a da prisão pedindo por “Libertem Huey”?

HUEY: Reações muito positivas. Em um ato, eu não lembro qual, um par de encarregados, encarregados brancos, levantou um cartaz na janela da lavanderia dizendo “Libertam Huey”. Eles dizem que as pessoas viram e responderam a isso. Eles ficaram muito entusiasmados com os manifestantes, porque eles também sofrem um tratamento injusto das autoridades da condicional e da polícia aqui na prisão.

Aberto ou clandestino

MOVEMENT: Os esforços organizativos dos Panteras têm sido bastante abertos até aqui. Gostaria de falar sobre a questão de uma organização política clandestina em oposição a uma organização aberta, nesse ponto da luta?

HUEY: Sim. Alguns dos grupos nacionalistas negros pensam que eles têm que ser clandestinos porque eles serão atacados. Mas não achamos que se possa romantizar a clandestinidade. Eles dizem que somos românticos porque tentamos viver vidas revolucionárias, e não estamos tomando precauções. Mas dizemos que a única maneira de nos tornarmos clandestinos é se nos obrigarem a nos tornarmos clandestinos. Todos os movimentos revolucionários reais são tornados clandestinos. Olhe a revolução em Cuba. A agitação que estava acontecendo enquanto Fidel estava na escola de direito era bastante aberta. Até a sua existência nas montanhas era, por assim dizer, uma coisa aberta porque ele estava deixando que se soubesse quem estava causando o prejuízo e porque ele estava causando. Para pegá-lo foi uma outra história. A única maneira pela qual podemos educar o povo é dando um exemplo a eles. Pensamos que isso é muito necessário.

Esse é um período pré-revolucionário e pensamos que é muito necessário educar o povo enquanto podemos. Então, somos muito abertos sobre essa educação. Estamos sendo atacados e seremos ainda mais atacados no futuro mas não vamos para a clandestinidade até que estejamos prontos para isso, porque temos uma mente própria. Não vamos deixar nenhuma outra força nos dizer o que fazer. Entraremos para a clandestinidade depois que educarmos todo o povo negro, e não antes disso. Então, não será mais realmente necessário para nós entrar na clandestinidade, porque você pode ver negros em todas as partes. Teremos justamente o suficiente para nos proteger e a estratégia para compensar o grande poder que os homens armados da ordem tem e que estão planejando usar contra nós.

Organizações dos brancos

MOVEMENT: Seus comentários sobre os prisioneiros brancos pareceram encorajadores. Você vê a possibilidade de organizar um Partido Pantera branco em oposição à ordem, possivelmente entre os brancos pobres e trabalhadores?

HUEY: Bem, como eu disse antes, o Poder Negro é o poder do povo, e quanto a organizar as pessoas brancas, damos às pessoas brancas os privilégio de ter uma mente e queremos que elas tenham um corpo. Elas podem organizar a elas mesmas. Podemos dizer o que elas têm que fazer, qual é a sua responsabilidade se elas vão dizer que são revolucionários brancos ou de revolucionários brancos desse país, e isso é se armar e apoiar as colônias em todo o mundo em sua luta justa contra o imperialismo. Mas qualquer coisa além disso, elas vão ter que fazer por si mesmas.

– panfleto publicado pelo *The Movement*

[1] [NT]: No original, “field nigger” e “house nigger”. Nas referências desse parágrafo, “negro da plantação” e “negro da casa” se referem, respectivamente, a esses termos. Em todo o resto do texto, traduzimos “black” como “negro” para corresponder à tradução usual de “Black Panther Party” (Partido Pantera Negra).

[2] [N.T.] Student Non-violent Coordinating Committee, Comitê Estudantil de Coordenação Não-violenta.

Tradução para o português brasileiro diretamente de edição na língua original (inglês), feita de forma voluntária pelo Coletivo Autonomista!. Texto retirado de The Black Panthers Speak. Haymarket Books, 2014.

Sobre a libertação gay e feminina

Por Huey P. Newton

Durante os últimos anos fortes movimentos vem surgindo entre as mulheres e entre os homossexuais que buscam sua libertação. Houve alguma incerteza sobre como se relacionar com esses movimentos. Quaisquer sejam suas opiniões individuais e inseguranças sobre homossexualidade e os diversos movimentos de libertação entre os homossexuais e mulheres (e falo de homossexuais e mulheres como grupos oprimidos), devíamos tentar nos unirmos a eles sob uma perspectiva revolucionária. Eu digo "quaisquer sejam suas inseguranças" porque como nós muito bem sabemos, às vezes o nosso primeiro instinto é querer bater em um homossexual e querer que a mulher fique quieta. Queremos bater no homossexual porque temos medo de que possamos ser homossexuais; e queremos bater nas mulheres ou silenciá-las, porque temos medo de que elas possam nos castrar ou nos levar os culhões que aparentemente podemos nem ter, para começar.

Temos que nós mesmos nos garantir segurança e, portanto, ter respeito e empatia por todos os povos oprimidos. Não devemos usar da atitude racista que os brancos racistas usam contra nosso povo, porque são negros e pobres. Muitas vezes o branco mais pobre é o mais racista porque tem medo de que possa perder algo ou descobrir algo que ele não tem. Então você se torna como uma ameaça para ele. Esse tipo de psicologia está estabelecido quando vemos os povos oprimidos e ficamos com raiva deles por causa de seu tipo particular de comportamento ou seu tipo específico de desvio da norma estabelecida.

Lembrem-se, nós não estabelecemos um sistema de valores revolucionários; estamos apenas no processo de estabelecê-lo. Não me lembro de alguma vez termos constituído qualquer valor que dissesse que um revolucionário deve dizer coisas ofensivas contra os homossexuais ou que um revolucionário deve se certificar de que as mulheres não falem sobre sua própria particularidade de opressão. Na verdade, é justamente o contrário: pontuamos que reconhecemos o direito das mulheres de serem livres. Não temos falado muito dos homossexuais de qualquer modo, mas devemos nos relacionar com o movimento gay porque é uma coisa real. E eu tenho conhecimento através de leitura, e através de minha experiência empírica e de observações que aos homossexuais não são dadas nenhuma liberdade por ninguém na sociedade. Existe a possibilidade de serem os povos mais oprimidos da sociedade.

E o que os fez se tornarem homossexuais? Talvez seja um fenômeno que eu não entenda completamente. Algumas pessoas dizem que é decadência do capitalismo. Eu não sei se esse é o caso; sinceramente duvido. Mas qualquer que seja o caso, sabemos que a homossexualidade é um fato que existe, e devemos entendê-la em sua forma mais pura, ou seja, uma pessoa deve ter a liberdade de usar seu corpo da maneira que quiser.

Isso não implica em endossar coisas na homossexualidade que nós não vemos como revolucionárias. Mas não há nada para dizer que um homossexual não pode também ser um revolucionário. E talvez eu esteja agora inserindo um pouco do meu preconceito, dizendo que "mesmo um homossexual pode ser um revolucionário." Muito pelo contrário, talvez um homossexual possa ser o mais revolucionário.

Quando temos conferências revolucionárias, comícios e manifestações, deveria haver uma plena participação do movimento de libertação gay e movimento de libertação feminina. Alguns grupos

podem ser mais revolucionários que outros. Não devemos usar a ação de uns para afirmar que são todos reacionários ou contrarrevolucionários em essência, porque não são.

Devemos lidar com os movimentos assim como lidamos com qualquer outro grupo ou partido que afirma ser revolucionário. Devemos tentar julgar, de alguma forma, se eles estão operando de forma sincera e revolucionária e dentro de uma situação de uma opressão real (e convenhamos, que se são mulheres provavelmente há opressão). Se eles fazem coisas que não são revolucionárias de fato ou contrarrevolucionárias, então há de se criticar essa ação.

Se entendermos que o grupo em sua essência possui aspirações revolucionárias na prática, mas cometem erros na interpretação da filosofia revolucionária, ou eles não entendem a dialética das forças sociais em funcionamento, devemos criticar isso e não criticá-los por serem mulheres tentando ser livres. E o mesmo se verifica para os homossexuais. Não devemos falar que todo um movimento é desonesto quando na verdade eles estão tentando ser honestos. Apenas cometem erros honestos. Aos amigos é permitido cometer erros. Ao inimigo não é permitido cometer erros, porque toda a sua existência é um erro e nós sofremos com isso. Mas a frente de libertação das mulheres e a frente de libertação gay são nossos amigos, eles são nossos aliados potenciais e precisamos de quantos aliados quer sejam possíveis.

Devemos estar dispostos a discutir as inseguranças que muitas pessoas têm sobre a homossexualidade. Quando eu digo "inseguranças", quero dizer o medo de que eles sejam algum tipo de ameaça à nossa masculinidade. Eu posso entender esse medo. Devido ao longo processo de condicionamento que constrói insegurança no homem americano, a homossexualidade pode produzir certas amarras em nós. Eu mesmo possuo certas amarras em consideração à homossexualidade masculina. Em contrapartida, não possuo nenhuma amarra quanto à homossexualidade entre mulheres. E isso é um fenômeno em si mesmo. Eu acho que é provavelmente porque a homossexualidade masculina é uma ameaça para mim e homossexualidade feminina não.

Devemos ser cuidadosos acerca do uso desses termos que possam afastar nossos potenciais aliados. Os termos "viado" e "bicha" devem ser suprimidos do nosso vocabulário e, sobretudo, não devemos atribuir esses nomes normalmente concebidos para os homossexuais para os homens que são inimigos do povo, como [Richard] Nixon ou [John] Mitchell. Os homossexuais não são inimigos do povo.

Devemos tentar formar uma coalizão operária com a libertação gay e grupos de libertação das mulheres. Devemos sempre lidar com as forças sociais da forma mais adequada.

Discurso de **Huey P. Newton**, um dos fundadores do Partido dos Panteras Negras, em 15 de agosto de 1970, sobre os direitos das mulheres e gays.

O manejo correto de uma Revolução

Por Huey P. Newton

A maior parte do comportamento humano é comportamento aprendido. A maior parte das coisas que o ser humano aprende é adquirida em uma relação indireta com o objeto. Os humanos não agem pelo instinto, como os animais inferiores fazem. Essas coisas aprendidas indiretamente podem muitas vezes estimular respostas muito eficazes para o que pode ser uma experiência direta posterior. Nesse momento, as massas negras estão lidando com a revolução de maneira incorreta. Os irmãos em East Oakland aprenderam com Watts os meios de resistência, lutando reunindo pessoas nas ruas, jogando tijolos e coquetéis molotov para destruir a propriedade e criar distúrbios. Os irmãos e irmãs nas ruas foram reunidos em uma área pequena pela polícia da gestapo[1] e, então, imediatamente contidos pela força brutal das tropas de choque do opressor. Esse modo de resistência é esporádico, de curta duração e custoso em termos de violência contra o povo. Esse método foi transmitido para todos os guetos da nação negra pelo país. O primeiro homem que jogou um coquetel molotov não é conhecido pessoalmente pelas massas, mas ainda assim a ação foi respeitada e seguida pelo povo.

O partido de vanguarda deve fornecer uma liderança para o povo. Ele deve ensinar os métodos estratégicos corretos de resistência prolongada pela literatura e por atividades. Se as atividades do partido são respeitadas pelo povo, o povo seguirá o exemplo. Esse é o papel principal do partido. Esse conhecimento provavelmente será adquirido em segundo mão pelas massas, assim como o que mencionamos acima era adquirido indiretamente. Quando o povo aprende que não é mais vantajoso para ele resistir indo para as ruas em grandes números, e quando ele vê a vantagem nas atividades do método da guerra de guerrilhas, eles rapidamente seguirão o exemplo.

Mas primeiro, eles devem respeitar o partido que está transmitindo essa mensagem. Quando o grupo de vanguarda destrói a maquinaria do opressor lidando com ele em pequenos grupos de três ou quatro e então escapa da força do opressor, as massas ficarão entusiasmadas e irão aderir a essa estratégia correta. Quando as massas ouvirem que um policial da gestapo foi executado enquanto tomava seu café na esquina, e os executores revolucionários fugiram sem ser rastreados, as massas vão ver a validade desse tipo de abordagem à resistência. Não é necessário organizar trinta milhões de negros em grupos primários de dois ou três, mas é importante para o partido mostrar ao povo como conduzir a revolução. Durante a escravidão, em que nenhum partido de vanguarda existia e as formas de comunicação eram severamente restritas e insuficientes, muitas revoltas de escravos aconteceram.

Existem basicamente três maneiras pelas quais se pode aprender: pelo estudo, pela observação e pela experiência real. A comunidade negra é basicamente composta de ativistas. A comunidade aprende pela atividade, seja pela observação ou pela participação na atividade. Estudar e aprender é bom, mas a melhor maneira de aprender é a experiência real é a melhor maneira de aprender. O partido deve se envolver em atividades que irão ensinar o povo. A comunidade negra basicamente não é uma comunidade de leitores. Portanto, é muito importante que o grupo de vanguarda sejam, em primeiro lugar, ativistas. Sem esse conhecimento da comunidade negra, não se poderia conquistar o conhecimento fundamental para a revolução negra na América racista.

A principal função do partido é despertar o povo e ensiná-los o método estratégico de resistir à estrutura de poder, que é preparada não apenas para combater a resistência do povo, que é preparada não apenas para o combate à resistência do povo com brutalidade massiva, mas para também para aniquilar completamente a comunidade negra, a população negra.

Se a estrutura de poder aprender que o povo negro tem uma quantidade 'x' de armas em seu poder, isso não vai estimular a estrutura de poder a se preparar com armas, porque ela já está mais do que preparada.

O resultado dessa educação será positivo para o povo negro em sua resistência e negativo para a estrutura de poder em sua opressão, porque o partido sempre exemplifica o desafio revolucionário. Se o partido não conseguir fazer o povo perceber as ferramentas de sua libertação e o método estratégico que deve ser usado, então não há meios pelos quais o povo pode ser mobilizado de maneira adequada.

A relação entre o partido de vanguarda e as massas é uma relação secundária. A relação entre os membros do partido de vanguarda é uma relação primária. É importante que os membros do grupo de vanguarda mantenham uma relação cara-a-cara uns com os outros. Isso é importante se os aparelhos do partido devem funcionar bem. É impossível reunir aparelhos funcionais do partido ou programas sem essa relação direta. Os membros do grupo de vanguarda devem ser revolucionários experientes. Isso vai reduzir o risco de informantes do Tio Tom e de oportunistas.

O principal propósito do grupo de vanguarda deve ser elevar a consciência das massas através de programas educacionais e certas atividades físicas de que o partido irá participar. As massas adormecidas devem ser bombardeadas com a abordagem correta da luta pelas atividades do partido de vanguarda. Assim, as massas devem saber que o partido existe. O partido deve usar de todos os meios necessários para conseguir que essa informação circule entre as massas. Se as

massas não tem conhecimento do partido, então será impossível para as massas seguir o programa do partido.

O partido de vanguarda nunca é clandestino no início de sua existência, porque isso limitaria sua efetividade e processos educativos. Como você pode ensinar as pessoas se as pessoas não te conhecem e te respeitam? O partido deve existir abertamente por tanto tempo quanto a estrutura de poder dos cães permitir, e, com sorte, quando o partido for obrigado a se tornar clandestino, a sua mensagem já terá sido circulada entre o povo. As atividades do partido de vanguarda na superfície terão necessariamente uma vida curta.

É por isso que é tão importante que o partido tenha um impacto imenso no povo antes de ser forçado à clandestinidade.

Nesse momento, o povo sabe que o partido existe, e eles vão buscar mais informação sobre as suas atividades de um partido clandestino.

Muitos assim chamados revolucionários trabalham com a ilusão falaciosa de que o partido de vanguarda deve ser uma organização secreta que a estrutura de poder desconhece, exceto por algumas cartas ocasionais que chegam às suas casas de noite. Partidos clandestinos não podem distribuir panfletos anunciando uma reunião clandestina. Essas são as contradições e inconsistências dos assim chamados revolucionários. Os assim chamados revolucionários tem, na verdade, medo do risco que eles defendem para o povo. Esses assim chamados revolucionários querem que o povo diga o que eles mesmos tem medo de dizer, e que o povo faça o que eles tem medo de fazer. Isso torna o assim chamado revolucionário um covarde e um hipócrita.

Se esses impostores investigassem a história da revolução, eles veriam que o grupo de vanguarda sempre começa como uma organização aberta e é, mais tarde, forçada à clandestinidade pelo agressor. A Revolução Cubana exemplifica esse fato; quando Fidel Castro começou a resistir ao açougueiro Batista e aos cães dominantes americanos, ele começou falando no campus da Universidade de Havana, em público. Ele foi, depois, forçado a ir para as montanhas. Esse impacto no povo pobre de Cuba foi muito grande e recebido com muito respeito. Quando ele passou à clandestinidade, o povo cubano o procurou. As pessoas foram para as montanhas para encontrar a ele e a seu bando de doze. Castro manejou a luta revolucionária corretamente. Se a Revolução Chinesa for investigada, se verá que o Partido Comunista estava tranquilo na superfície, de modo que eles conseguiram reunir apoio das massas. Existem muitos lugares em que se pode ler sobre e aprender a abordagem correta, como na revolução no Quênia, na Revolução Argelina, em OS CONDENADOS DA TERRA de Fanon, a Revolução Russa, os trabalhos do Presidente Mao Tsé-Tung e muitos outros.

Um revolucionário deve perceber que se ele for sincero, a morte é iminente pelo fato de que as coisas que ele está dizendo e fazendo são extremamente perigosas. Sem essa percepção, é impossível proceder como um revolucionário. As massas estão constantemente procurando por um guia, um messias, para liberá-las das mãos do opressor. O partido de vanguarda deve exemplificar as características de uma liderança digna. Milhões e milhões de pessoas oprimidas podem não conhecer os membros do partido de vanguarda diretamente ou pessoalmente, mas elas irão ganhar por um contato indireto o conhecimento da estratégia adequada para a libertação pela mídia de massas e pelas atividades físicas do partido. É de importância fundamental que o partido de vanguarda desenvolva um órgão político, como um jornal produzido pelo partido, assim como é que ele empregue a arte estratégica revolucionária da destruição da maquinaria do opressor. Por exemplo, Watts. A economia e a propriedade do opressor foram destruídas de tal maneira que não importa o quanto o opressor tentasse apagar as atividades dos irmãos negros, a natureza real e a causa real da atividade foram comunicadas a cada comunidade negra. Para dar mais um exemplo, não importa o quanto o opressor tente confundir e distorcer a mensagem do irmão Malcolm X, o povo negro por todo o país a entende perfeitamente pelo país e a recebe.

O Partido Pantera Negra para a Autodefesa ensina que em última análise, a quantidade de armas de fogo e de defesa, como as granadas, bazucas e outros equipamentos necessários, serão supridas ao tomar essas armas da estrutura de poder, como no exemplo do Viet Cong. Assim, quanto maior a preparação militar, maior a disponibilidade de armas para a comunidade negra. Alguns hipócritas acreditam que quando o povo for ensinado pelo grupo de vanguarda a se preparar para a resistência, isso apenas traz os homens para eles com cada vez mais violência e brutalidade; mas o fato é que quando o homem se torna mais opressor, isso apenas aumenta o fervor revolucionário. O povo nunca faz a revolução. Os opressores, com suas ações brutais, causam a resistência do povo. O partido de vanguarda apenas ensina os métodos corretos de resistência. Então, se as coisas podem ficar piores para o povo oprimido, então eles não sentirão necessidade de revolução ou resistência. A reclamação dos hipócritas de que o Partido Pantera Negra para a Autodefesa está expondo o povo a sofrimentos maiores é uma observação incorreta. O povo provou que eles não irão tolerar mais opressão da polícia racista dos cães com suas rebeliões nas comunidades negras pelo país. O povo está procurando, agora, por orientação para aumentar e fortalecer sua luta de resistência.

– *O Pantera Negra*, 18 de maio de 1968

[1] [N.T.] Maneira pela qual os panteras se referiam à polícia estadunidense, remetendo à polícia nazista.